



Je ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

CP

O DOCTOR ALBERTO

Drama em trez actos

POR



ANNIBAL FALCÃO

EDICTOR EUGENIO DE MAGALHAES

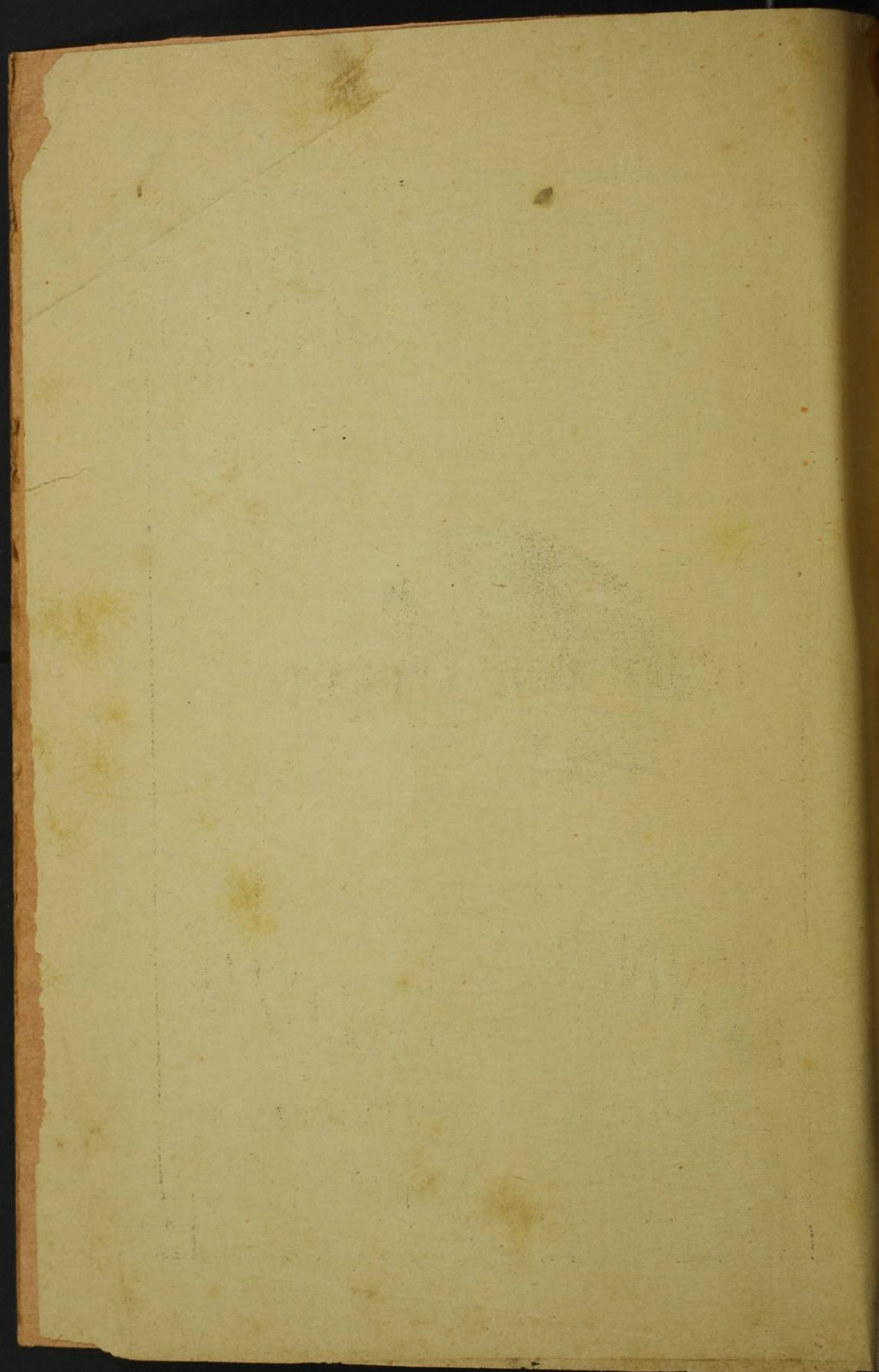
LITHOGRAPHIA E TYPOGRAPHIA A VAPOR

DE J.E. PURCELL.

PERNAMBUCO.

1878

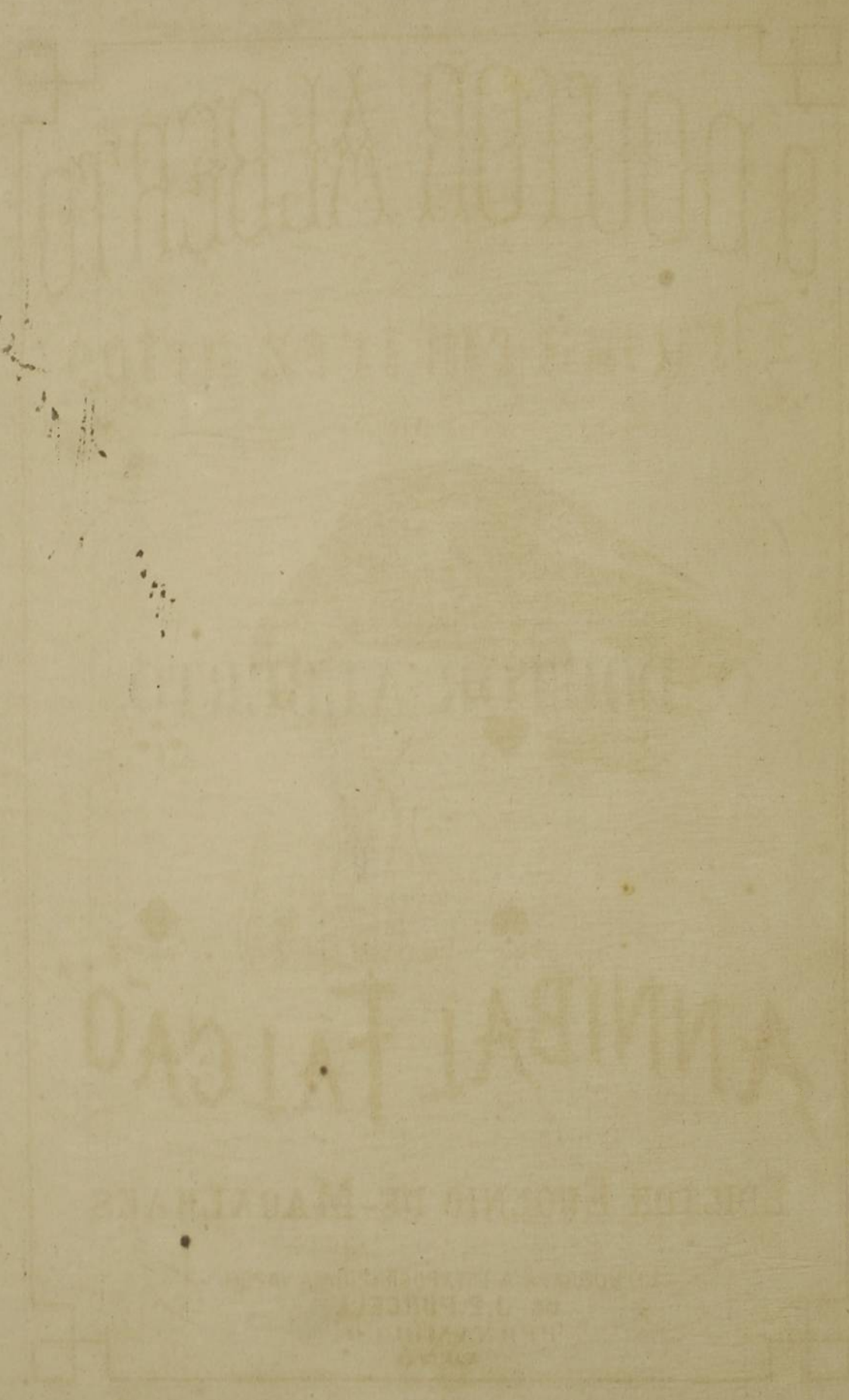
54/8



Co2

12/1/19

O DOUTOR ALBERTO



O DOCTOR ALBERTO

Drama em trez actos

POR



ANNIBAL FALCÃO

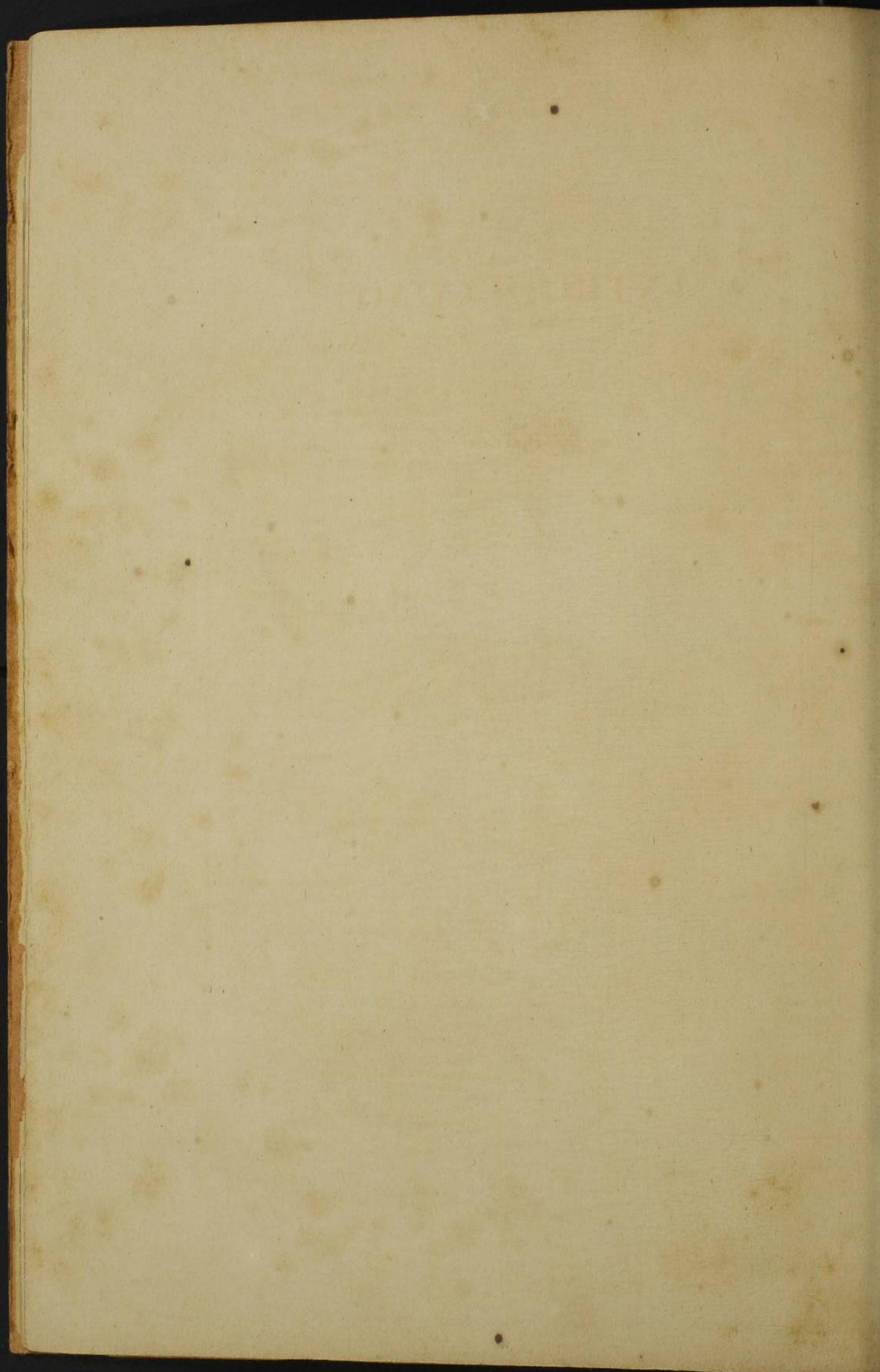
EDICTOR EUGENIO DE MAGALHAES

LITHOGRAPHIA E TYPOGRAPHIA A VAPOR

DE J.E. PURCELL.

PERNAMBUCO.

1878





Amirahal Falcão

INTRODUCCAO

O assumpto do presente livro e a sincera amisade que nos liga ao seu auctor, cujo precoce e já robustissimo talento admiramos, deram razão de ser a estas linhas, em que o leitor—é bom que o avisemos—nenhum encanto encontrará, nem outro motivo que lh'as recomende, além da manifestação, embora incorrecta e mal expressa, de um desejo justissimo, de uma intenção honesta e civilisadora.

A moralisação da familia, a perfeita harmonia de sua existencia com os altos destinos que lhe estão assignalados nas complicadas funcções do organismo social, de que é molecula,—eis a aspiração mais intima de todo o homem justamente interessado pelo aperfeiçoamento commum, e tambem o pensamento geral deste nosso escripto, onde a arte falta de certo, mas não escassea a convicção.

*

O drama que se vai ler discute o velho thema da infidelidade conjugal, aponta ainda uma vez aos olhos do mundo e á providencia dos maridos

...le chemin connu de l'ancien adultère. ()*

Discute, dissemos, e não dissemos bem : porque não ha ali discussão no recto sentido da palavra, não ha dissertação academica e pedantesca da these proposta pelo auctor, seja dito em honra deste ; mas logica de caracteres e correlativas peripecias dramaticas, que são os meios de demonstrar ou provar do dramaturgo sciente e consciante de sua missão.

Os personagens de uma peça podem ser os propagadores de quaesquer theorias do auctor, são-n'o quasi sempre ; mas com a condição de não o darem a conhecer por meio de discursos cheios de erudição e pejados de adjectivos retumbantes, como se fallassem da columna editorial de uma de nossas gazetas politicas. O drama é a acção, é a vida. Nas situações que elle offerece á sensibilidade e á intelligencia do espectador é que vae implicito o ensinamento que a este se quiz proporcionar.

A escolha do assumpto desta sua primeira tentativa dramatica não a confiou Annibal Falcão ao puro devanear da phantasia, nem ao simples desejo de encontrar materia facil de ser tratada por auctor noviço.

Entre muitos pontos de utilidade geral, que com vantagem podiam servir de motivo ao seu trabalho, preferio aquelle que em todos os tempos lhe pareceu andar mais de intimo ligado com os destinos da familia, que são por igual os destinos da sociedade civil.

Com effeito, a sorte dos maridos enganados, as leviandades e crimes da esposa, as perturbações da sociedade familiar, resultantes da corrupção dos costumes femininos, tem sido preocupação de elevadissimos espiritos, e inspiraram sempre o maior interesse aos legisladores de todos os tempos.

(*) François Coppée.

Provam-n'o os rigores com que as adúlteras foram sempre tratadas na mocidade de todas as civilisações, nos periodos de formação e crescimento das nacionalidades, os quaes se distinguem das epochas de decadencia e transição por uma maior força de disciplina nos costumes domesticos e por maior somma de auctoridade do marido em relação á mulher.

Entre os hebreus, cujas instituições e costumes eram mais ou menos semelhantes aos dos outros povos da epocha, a esposa accusada de adulterio—e bastava que uma só testemunha a accusasse—era cruelmente insultada e apedrejada.

Como lembra um habil escriptor, o episodio da innocente Suzanna, denunciada pela torpeza de dous velhos libertinos, e condemnada á morte, em virtude desses testemunhos suspeitos, diz-nos o que eram a lei e a jurisprudencia judaicas em relação aos desvios da esposa.

Em Athenas punia-se com degradação civica o esposo transigente ou indulgente que procurasse occultar o adulterio de sua mulher. O mesmo se fez em Roma, no tempo da republica, onde, em odio ao adulterio da mulher, se invocava a terrivel lei das *Doze Taboas*: *Cognati necanto uti volent.*—*Que os parentes a matem como lhes approuver.* (*)

O progresso da civilisação foi pouco a pouco modificando esses excessos de auctoridade marital.

“ A instituição do casamento, diz A. Comte, experimenta, como todas as outras, modificações necessarias e expontaneas, segundo o curso gradual da evolução humana. ”

O christianismo, lembrando aos maridos as maculas da propria consciencia, estabeleceu a igualdade de direitos do marido e da mulher perante a fidelidade conjugal.

Aquelle que se não accusar de crime atire-lhe a primeira pedra.

Esta noção de justiça, applicada aos deveres reciprocos dos conjuges, foi mais ou menos deturpada pelas contradicções dos diversos propagadores da fé christã, mas nem por isso deixou de assignalar um progresso na instituição da familia, pelo que seria justo que não andasse hoje tão esquecida das leis e dos costumes sociaes.

E porque tocamos neste ponto, não seria fora de proposito recomendar aos dramaturgos e romancistas que abrandassem um pouco a insistencia com que se occupam das faltas das mulheres casadas, para voltarem uma parte de sua attenção aos desregramentos dos paes de familia indignos da honra deste nome.

Não se contesta que o adulterio da esposa traga mais funda desorganisação á economia do lar domestico que o adulterio do marido, mas tambem é incontestavel que a corrupção entra muitas vezes no seio da familia pela ostentação que este faz de seus proprios erros, pelos cuidados que rouba á ternura da esposa e ao cumprimento dos deveres de esposo e pae, em satisfação de caprichos inconfessaveis, de desejos immoraes.

Onde os costumes familiares tendem a perverter-se, onde a pureza da mulher começa a afogar-se nas ondas de lama da corrupção social e privada, apparece o espirito critico como o cauterio de uma grande chaga gangrenada, como ferro em braza n'um cancro asqueroso e repulsivo.

Ao lado da depravação da sociedade grega, do meio daquelle colossal bordel, surge Aristophanes, cuja linguagem licenciosa, cuja torpeza de conceitos faz duvidar de que todas aquellas infamias fossem ouvidas com deleite por um povo que tão brilhantes provas deu de grandeza intellectual, como de energia moral

(*) Legouv ,—*Historia moral das mulheres.*

A violencia e desbragamento da satyra eram consoantes com a enorme corrupção que tinha roubado á alma da Grecia todo o sentimento de pudor.

Juvenal é o Aristophanes da decadencia do imperio romano, onde o talento vingador de Tacito patentéa a indignação valente de um homem que vê a gloria e a segurança da patria fugirem envergonhadas da sensualidade brutal e fraqueza dos cidadãos, em quanto as hordas barbaras ameaçam esmagar o seio da grande nacionalidade.

A corrupção da elegante sociedade franceza, desde o seculo XVI até hoje, tem sido successivamente fustigada, pelo genio caustico de Rabelais, pela ingenuidade estudada de Brantôme, pela habilidade superiormente analytica de Moliere, pela fria gargalhada de Voltaire, pela dissecação profunda do grande e rude anatomista Balzac e, emfim, pelo talento friamente aristocratico de Dumas Filho.

Nenhum escriptor contemporaneo chegou a retratar mais fielmente que este ultimo o apodrecimento da sociedade parisiense no periodo do segundo imperio.

A lama que se erguia do meio social e politico invadia o lar domestico, manchava o sanctuario da familia, onde a dissolução entrava pelas necessidades da ostentação e do luxo, pelo desejo de hobrear com a gente de vida facil e opulenta, pelo horror á pobreza honesta, á mediania proibidosa, como no *Supplicio de uma mulher*; pela destituição do marido, substituido na auctoridade domestica por uma entidade intrusa e corruptora—o confidente—o cumplice de todas as baixezas da mulher e de todas as infamias da esposa, como no *Amigo das mulheres*; pela enervação resultante da existencia voluptuosa, pelo hysterismo alimentado na ociosidade, no esquecimento dos encargos da familia, como no *Romance de uma mulher*; pela immoralidade ostentosa do marido, pelo esquecimento de tudo que o homem deve ás leis sociais e á sua propria dignidade, como na *Estrangeira*.

A sociedade que endeusou Offembach e decorou *Fanny*, que fez Beaude- laire e Belot, reflectiu-se no claro espirito do auctor de *L'affaire Clemenceau* como uma cara dardosa e syphilitica na limpida superficie de um espelho. En- tra-se na galeria dos perfis traçados pela habil mão de Dumas Filho com a ins- tinctiva repulsa de quem, de animo limpo, transpõe uma vez os umbraes de um lupanar.

Póde, entretanto, dizer-se que o trabalho deste escriptor, como o de todos os que o precederam e hão seguido no estudo e condemnação dos costumes de- pravados de uma epocha ou de um povo, tenha sido tarefa ingloria por inutil e perigosa por immoral?

A interrogação, por mais estranha que pareça, tem pleno cabimento, desde que o Conservatorio Dramatico de Pernambuco achou opportuno assumir—pela primeira vez—o alto encargo de paladino da moralidade publica para tornar de- feza a representação do drama de que ora nos occupamos.

Não é nossa intenção neste momento demonstrar pelo raciocinio e provar pela historia a inutilidade e perniciosidade das commissões de censura prévia, nem decidir se é ou não duvidosa, na maioria dos casos, a aptidão desses tribu- naes de jurisdicção difficilima, para julgarem uma obra de certo valor littera- rio. Apenas lembramos, de passagem, e sem maior applicação ao caso de que se tracta, que os mais sublimes fructos do engenho humano, na idade moderna, foram malsinados pela censura official antes de se imporem á fervente admiração dos seculos.

Beaumarchais caminhou mais de cincoenta vezes de casa para a intendencia de policia, até que lhe auctorissem a representação do *Barbeiro de Sevilha*; Voltaire entregou-se a maiores fadigas para defender da censura uma de suas tragedias; o theatro de Victor Hugo esteve por longo espaço de tempo proscripto da França; e para não correremos mais no tempo e no espaço,—o Conservatorio Dramatico do Rio de Janeiro cubriu-se, ainda ha pouco, do mais invencivel ridiculo, oppon-

do-se á representação dos inoffensivos *Lazaristas*, de A. Ennes, em nome do artigo 5.º da nossa Constituição, tão de ordinario violada, de envolta com o bom senso, com assistencia dos conspícuos censores e auctorisação expressa delles. (*)

O que encontraram as auctoridades theatraes de Pernambuco de asperamente condemnavel no drama de Annibal Falcão? O que ha nessa modesta peça, a que o auctor não liga a importancia que talvez se presuma, o que ha nella de altamente offensor das leis respeitabilissimas da moralidade e decoro publico?

Helena, a protagonista, dizem; o adulterio e o aborto voluntario—dous crimes previstos pelo nosso código penal, que, certo, não foi escripto para um mundo desconhecido.—Mas a tal *Helena*, onde a veem, não é mais corrompida, nem mais infame que a *Mathilde* do *Supplicio de uma mulher*, uma creatura abjecta, torpissima, que se vende a um homem que não ama, e que detesta, para assegurar a fortuna do marido e, consequentemente, a sua, do mesmo modo porque o faria a barregã mais desembargada dos sentimentos de honestidade e pudor. A primeira dessas mulheres desfaz-se de um filho em embryão, para occultar o seu crime ao marido e á sociedade; a outra não duvida expôr a filha á deshonra futura—que é um modo mais cruel de matar—dando-lhe um pae que não é aquelle cuja barba a innocentinha costumava acariciar com a sua fresca e rosada mão infantil.

E comtudo a criminosa de Dumas tem sido muitas vezes vista e lastimada á luz da rampa de nossos theatros, sem opposição manifesta daquelles que podiam oppor-se, ao menos em nome de uma certa coherencia capaz de auctorisar o seu proceder actual.

Mas nem porque as *Mathildes* de Dumas são repulsivas como o vicio—e agora vem a ponto a resposta á nossa primeira interrogação—nem porque revoltam os sentimentos de honra e dignidade, ha motivo fundamentado para que a critica sensata e conscienciosa profira sentença condemnatoria contra o primeiro e mais fecundo escriptor do theatro contemporaneo. Nem ao menos pôde desconhecer-lhe a utilidade do trabalho—grande e penoso que elle é!—de revolver a enorme e cancerosa pustula do adulterio moderno, de medil-a, de sondal-a, de descrevel-a, hedionda e repugnante como a vio, como a examinou com a vista penetrante de um espirito superiormente illuminado. Porque não foi elle que levou a gangrena ao corpo social, que anda a dissecar ha mais de vinte annos. Encontrou-a, denunciou-a, viu-a crescer, sem que surgissem os medicos encarregados de atalhar os progressos do terrivel mal.

E' preciso contar com a preponderancia das circumstancia externas, extra-individuaes, nos destinos do genio artistico e litterario.

Se Ovidio não vivesse na Roma imperial, se não tivesse sido um dos amantes da filha de Augusto e amigo de Tibullo, não teria, talvez, escripto *Os amores* e a *Arte de amar*. Bocage—o estro mais espontaneo e vigoroso de quantos tem tido

(*) Quando o presente escripto já se achava em provas, deparou-nos o n. 659 do *Diario de Campinas* um artigo de redacção, em o qual se censurava o chefe de policia de S. Paulo por haver prohibido, sem motivo declarado, a representação da *Cebana do pae Thomaz*, drama que, ainda não ha muito, teve uma acceitação felicissima nos theatros do Rio de Janeiro.

Entregue ao criterio de censores, que poucas vezes sabem o que querem, e ao de uma policia, que rarissimas sabe o que faz, mal vai o já de si desafortunado theatro nacional.

E bem ameaçada andar á liberdade de pensamento n'outras provincias da litteratura patria, se a policia se lembrar, afinal, de estender as suas impensadas e arbitrarias restricções ao jornal e ao livro—o que já agora não parece impossivel.

Portugal e, talvez, o mundo—Bocage teria escripto, em vez de innumerosos sonetos e das obras de curto folego que nos deixou, uns *Lusiadas*, se, como Camões, houvesse sentido mais perto a repercutir-lhe n'alma enlevada e engrandecida a potente voz dos marinheiros que abriram ao mundo o longo caminho das Indias.

Remoçar e embellezar *Esther* para Saint-Cyr, em vez de copiar *Ida* para os *boudoirs* da elegancia lincenciosa, fôra tambem, quem sabe, o destino do auctor de *L'homme femme*, se, em troca do borbório confuso e ensurdecente dos *boulevards* e da frivolidade sensual dos cafés de Paris, lhe houvesse cabido em sorte, como a Racine, o suave e edificante remanso do Port-Royal.

Pelo que respeita á pintura e esculptura, acaba Luiz Viardot de mostrar, com exemplos induzidos da historia das differentes escolas, quanto os governos republicanos são mais propicios que as côrtes dos reis absolutos ao apparecimento dos grandes mestres; tanto é certo influirem na esthesia de um povo as suas proprias circumstancias politicas. (*)

Em toda a obra d'arte e de imaginação prepondera ou o meio natural ou o artificial, dirigindo a inspiração do auctor.

Por meio natural entendemos, alem das condições de physiologia cerebral, as influencias externas de clima, de alimentação, de paisagem e sociologicas. Meio artificial chamamos ao influxo da educação e das litteraturas e artes estrangeiras, conduzindo ou dominando as tendencias do meio ethnico e as faculdades nativas da intelligencia creadora.

Um breve exemplo, achado em casa, bastará para tornar mais clara e comprehendida essa theoria, que é a base de toda a critica moderna.

As comedias de L. Penna, os romances do dr. Joaquim Manoel de Macedo, os recentes e apreciabilissimos contos de Inglez de Souza, o *Cabelleira*, de Franklin Tavora, *Os preconceitos* e outros dramas de Rangel de S. Paio, varias produções do conselheiro Alencar e de Bernardo Guimarães, patenteam um mais fundo sentimento da vida nacional brasileira que a poesia e prosa de Alvares d'Azevedo, em quem a força genial e o estímulo aborigene andaram, como em muitos outros, constantemente subjugados pela imitação serodia do subjectivismo poetico de Byron, Musset, Espronceda e dos mais luminares da grande escola, que ainda hoje domina e inspira uma boa parte da poesia e arte nacionaes.

Pelo que fica dito e em face do meio social brasileiro e provinciano—especialmente—não será difficil determinar a que influencias obedeceu, até certo ponto, o talento de Annibal Falcão na sua primeira tentativa theatral.

A nossa sociedade, como todas as sociedades americanas, forma-se e desenvolve-se á luz da civilização europeia. A França, principalmente, mantém uma grande preponderancia nos destinos da nossa vida nacional, não só pela natureza communicativa do espirito francez como pelas sympathias de raça, cada vez mais avivadas por uma educação litteraria, que no Brazil começou a ser franceza em epocha muito anterior á da independencia politica.

Ha comtudo no mais intimo do viver brasileiro, nos costumes e na constituição da familia, um elemento original e nato, mantido pelas circumstancias economicas, sociaes e politicas, que não foi ainda eliminado pela invasão de idéas e sentimentos importados.

O mal do adulterio—tocando de perto o assumpto—não apresenta entre nós os symptomas geraes e assustadores descobertos pela critica atravez da brilhante civilização de algumas cidades do Velho Mundo, onde o proletarismo, a servidão industrial das mulheres e o espectáculo do luxo avidamente cubicado, são outros tantos elementos dissolventes da pureza dos costumes publicos e privados.

(*) *La philosophie positive—revue dirigée par E. Littré & Wyrouboff*, numero de Janeiro e Fevereiro de 1877, pag. 136.

Em nossa sociedade, amparada de funda desgraça economica pela felicidade de clima, pela uberdade do solo ; dirigida por uma burguezia que não conhece, por ora, todos os pequenos segredos da corrupção elegante; servida por um functionalismo pobre, porque é mal pago, e mal pago por ser exaggeradamente crescido ; sujeita a todas as influencias de uma civilização mal definida e balbuciante, que se denuncia sobre tudo pela existencia da escravidão ; em nossa sociedade, dizemos, faltam felizmente á mulhør uma grande parte das solicitações terriveis, dos desgraçados moveis que lá por fora a arrastam muitas vezes pelos lodaços do vicio e da corrupção até ao total esquecimento de seus mais sagrados deveres—o de esposa e o de mãe.

Isto não quer de modo algum dizer que a *Helena* do nosso talentoso amigo seja um impossivel physiologico e moral mesmo debaixo do ponto de vista indigena.—Se a serpente entrou no Paraizo para estender voluptuosamente as escamas luzidias no seio da divina innocencia, hoje que os anjos defendem a porta do Eden dos impetos da nossa malicia, tem o monstro mais facil accesso no intimo das almas esquecidas da primitiva candura!—O que unicamente pretendemos mostrar é que essa *Helena* é menos uma criação nacional que uma reminiscencia de leitura ; mais um producto do meio artificial, da educação litteraria, que um resultado das circumstancias especiaes da sociedade brasileira.

Esse facto, porém, que—de um modo geral—tira ao presente drama o cunho da nacionalidade em que apparece, não póde servir de base para accusar-se a moralidade do auctor, nem para suspeital-o tão solto das peias do decoro, que se torne uma excepção ante a presumivel pureza dos dezoito annos incompletos. Além de que, a arte está sempre um pouco acima das leis compressoras de um mal escondido tartufismo, e não póde sugerir-se aos arestos de certos juizes suspeitos, dos quaes, se trouxessem de commun as mãos calçadas, se poderia dizer o que A. de Musset disse daquelles triviaes sujeitos

Qui mettent leurs vertus en mettant leurs gants blancs.

A arte grega era nua como a Venus de Milo e o Apello de Belvedere.

Byron não deixou de ser o maior poeta de seu tempo por ter irritado a pruderie do *high life* britannico com as admiraveis estrophes, em que lhe foram collaboradores com o grandissimo engenho—o puro azul do céu de Italia e os olhares ardentes e cubiçosos da Guiccioli.

O drama de Annibal Falcão, se não é uma concepção notavel pelo prestigio de uma bem accentuada originalidade, está todavia escripto n'uma linguagem clara e vigorosa, conforme á indole do talento do auctor, mas sempre compadeida com as exigencias da scena e com as atenções e respeitos devidos aos mais delicados sentimentos de um publico honesto e illustrado.

Não se vêem no *Doutor Alberto*, como n'outros dramas licenciados pelos nossos conservatorios, certas scenas de torpeza revoltante e desbragada, ou cheias de um lyrismo delambidamente erotico, baixo e corruptor, sem forma nem pensamento que edifiquem, as quaes servem antes de aphrodisiaco á devassidão senil ou de corrosivo á mocidade, tanto mais apprehensivel e imaginosa, quanto mais facil de se deixar corromper. Como em todo o trabalho de critica negativa, de estudo e censura de costumes, toca-se ás vezes ali de perto a chaga que se expõe ; mas o auctor fal-o sempre de maneira a deixar sem affronta a decencia e pejo de quem o ouvir ou ler.

Se o Conservatorio dramatico de Pernambuco se achou com razão para prohibir a representação da peça, tanto peor para elle que vai ver o juizo publico faltar-lhe de todo com o applauso, estamos certos disso.

Expor os vicios, no intuito de procurar-lhes correctivo, não é o mesmo que acoroçoal-os.

A pathologia não creou a doença por estudal-as nas funcções do organismo ; ao contrario : apontou á medicina o meio de combatel-a de modo mais directo e proficuo.

Não se emendam os defeitos sociaes, não se corrigem os costumes, fechando os ouvidos ás vozes que lhes annunciam as maculas.

Se o espectaculo do adulterio offende e revolta, todos os sentimentos de honra, em vez de prohibir-se a representação de um drama que se occupa do assumpto, applicuemo-nos todos, por um grave pensamento de prophylaxia social, ao estudo dos meios de nos preservarmos da invasão da temerosa peste.

Conserve-se a pureza da familia, elevando-se cada vez mais a mulher, que é o sol que alumia o lar. Elevar a mulher não quer dizer proclamar-a apta para partilhar com o homem todos os encargos da vida civil, e entregar-se como elle a todos os trabalhos scientificos, industriaes e artisticos.

Esta extravagante theoria tem transtornado os mais puros corações femininos e augmentado consideravelmente a raça imbecil e aborrecida das *bas bleu*.

A mulher, pelos proprios destinos de sua organização, tem, circumscripta nos dominios da familia, a sua missão social.

Compreenda a esposa o marido até se interessar por todos seus negocios, pelas fadigas resultantes dos seus deveres de cidadão e de homem; saiba dirigir a casa e prover á sabia alimentação da familia, educar os filhos e dar-lhes os primeiros rudimentos de uma instrucção positiva e séria; adquira desse modo uma occupação elevada e a consciencia de seu nobre sacerdocio,—e as *Helenas* o *Mathildes* tornar-se-hão cada vez mais raras, em beneficio commum, e grandissimo allivio da moralidade de todos os censores dramaticos.

Recife, 29 de Dezembro de 1877.

A. DE SOUZA PINTO.

OTHELLO

ACT I

O DOUTOR ALBERTO

ACTO PRIMEIRO

Uma sala elegantemente mobiliada. Portas lateraes e ao fundo.
Dez horas do dia.

SCENA I

HELENA E AZEVEDO.

HELENA, *a Azevedo que entra.*

Ah! é Vme., meu pae? Dê-me a sua benção.

AZEVEDO, *dando-lhe a mão a beijar*

Eu mesmo que volto neste momento do campo, onde fui passar os ultimos dias da festa. (*Observando-a.*) Mas o que tens? Estás doente: dil-o a tua pallidez.

HELENA, *confusa.*

Não... sim, é verdade. Mas é um ligeiro encommodo, sem gravidade alguma.... uma simples excitação nervosa.

AZEVEDO

Sim, comprehendo-te. Confessa: a ausencia prolongada de Alberto faz-te mal. Como és boa! (*Beija-a na testa.*)

HELENA, *procurando disfarçar a sua perturbação.*

Não... não é isso, meu pae.

AZEVEDO

E' inutil negares-m'o. O amor que tens a teu marido, o quanto te punge a sua ausencia, o aborrecimento que sentes longe d'elle, tudo isso pódes sem pejo confessar-me. Pódes amar perdida e doudamente a teu marido, comtanto que me reserves alguma cousa... Sabes que me satisfaço com pouco. Tomo a Deus por testemunha de que nada mais ambiciono... Se morrer agora, morro feliz. Cazei-te com um homem de bem, que te ama como um louco e essa união faz a nossa commun felicidade... Porque tu és feliz, não é verdade?

HELENA

Sim, meu pae, e tudo devo a Vme. e lhe agradeço.

AZEVEDO

Ainda mais terás a dever-me.

HELENA

Ainda mais ?! O que ?

AZEVEDO

A traição que vou fazer a um amigo, revelando-te um segredo, uma intriga, denunciando uma conspiração...

HELENA, *assustada*.

Uma intriga ?!

AZEVEDO

Sim, uma grande intriga... domestica.

HELENA, *no mesmo tom*.

Mas o que quer dizer Vmc. ? Que intriga é essa ?

AZEVEDO

Perturbas-te ? Realmente, assustei-te ?

HELENA, *tranquillisando-se*.

Não, não me assustou, admirou-me.

AZEVEDO

Pois, para não mais te assustar ou... admirar, explico-me. Recebi uma carta de Alberto, em que me dizia o esperasse pelo primeiro paquete, e recommendou-me a maior discrição, pois queria fazer-te uma surpresa. O paquete chegará amanhã. Prepara-te para, em vez de ser elle, seres tu quem faça a surpresa recebendo convenientemente um representante da nação, um deputado, que tão dignamente tem defendido na camara os interesses do paiz.

HELENA, *que durante a precedente falla tem procurado occultar o que lhe vae n'alma*.

E a carta em que Alberto lhe escrevia isso... tem-n'a ahi, meu pae ?

AZEVEDO

Tenho-a. Mas para que a queres ?

HELENA, *procurando disfarçar a sua commoção*.

Porque... deve nella fallar-lhe dos seus negocios, dos seus projectos etc. Alberto não me escreve, e é natural que eu procure ter noticias delle.

AZEVEDO

E' justo o motivo. Aqui tens a carta. Manda preparar-lhe uma corôa de louros. Vou á Relação, e d'aqui a duas horas cá estarei. Adeus, Helena. (*Sahe*)

SCENA II

HELENA, *só*(*Depois de lér a carta, e atiral-a ao chão.*)

Oh ! eu soffro muito ! E soffro tambem porque tenho medo... Meu marido saberá tudo. Frederico contar-lh'o-ha... Sim, Fre-

derico sabe... Percebi-o nos seus gestos, nas suas palavras. Eu fingia não vel-o, e lia-lhe então no rosto uma expressão de desprezo e, ao mesmo tempo, de dó, que me fazia corar de indignação e... e vergonha. (*Pausa*). Não, não me enganei. Aquelle olhar frio e severo que me crava Frederico, quando dou-lhe as costas, e que vejo sempre reflectir-se n'algum espelho fronteiro, o que significa senão que elle tudo sabe? Já não é só o remorso, terrível, dilacerante, que me envenena todos os instantes, que me mata, não! agora é também a vergonha! (*Nova pausa. Grande agitação. Confusão de idéas.*) E Alberto que me ama!... Mas porque me ama elle?! E' horriavel... Talvez elle me mate... mata-me com certeza... (*Pausa*) Prefiro que me mate: quando vierem a saber já estarei morta... Morrer! aos vinte annos! Não,... fugirei... sim, fugirei... E que me importa o resto?!... E meu pae?! Também saberá tudo e morrerá de vergonha! (*Com desanimo*) Oh! a minha pobre cabeça estala! (*Chora.*)

SCENA III

HELENA E EUGENIO

EUGENIO, *entrando.*

Helena!

HELENA, *voltando-se bruscamente.*Quem é? (*Reconhecendo Eugenio*) Ainda bem que é o Sr.!

EUGENIO

Choras? Ainda esta idéa a perseguir-te! (*A' parte*) E não me perseguirá ella acaso, dia e noite, a todo o instante? (*Alto*) Esquece-o, esquece o nosso filho...

HELENA, *como que acordando a essa palavra.*

O nosso filho?! Ah! sim, matei-o. Para que me falla nisso o Sr.? Será acaso para torturar-me ainda mais? Julga que não é bastante o que me grita a consciencia, para o Sr. gritar-me também ao ouvido: o nosso filho?! Sei eu o que é feito d'elle? Morreu, ou antes, matei-o; sim, fui eu mesma que o fiz morrer! (*Como querendo responder á uma voz intima.*) Mas foi para salvar a honra de meu marido!...

EUGENIO, *com uma expressão de ciúme feroz e de colera.*

E ainda me diz que foi para salvar a honra de seu marido! Dil-o, a mim, pae da criança que a Senhora matou! Eis o que tenho em troca do amor que lhe consagrei! Eu infamei-me por sua causa, minha Senhora, e ainda me diz que matou o meu filho (*movimento de Helena*), sim o meu filho!—ainda diz que o matou por amor desse homem, a quem aborreço, a quem odeio!... Oh! que paixão fatal! Eu daria, acredite-o, minha alma ao inferno para que me arran-

cassem do coração este amor, que é uma vergonha, que é um crime, porque a Senhora... a Senhora assassinou meu filho!

HELENA

E quem é a causa de tudo isto? E' o Sr., Eugenio. Porque me arremessou neste abysmo? Horrivel declive que me fez resvalar n'um momento do adulterio ao feticidio! Quem me poderá amparar neste plano inclinado de crimes? (*Pausa*) Eu matei meu filho, mas de quem é a culpa? Para que me veio o Sr. fascinar, roubar-me a meu marido, á vida placida do lar? Por sua causa sacrifiquei eu tudo, o nome de meu pae, a honra de meu marido, o meu socego, a minha vida, e o Sr. accusa-me, e chama-me de criminosa, o Sr., por amor de quem eu cahi tão baixo! (*Chora*)

EUGENIO

Pobre amiga! Vejo que soffre muito. Eu tambem soffro. Deus sabe como e quanto! Mas perdoa-me. E' essa dôr violenta, terrivel, que me torna máu, que me faz enlouquecer. Mas para que torturarmo-nos assim todas as vezes que nos vemos? Já fujo de ti, porque tenho medo das tuas lagrimas, dos teus remorsos. Não podemos olharmo-nos sem baixar os olhos. Vemo-nos, e isto basta para lembrar-nos: a mim, que trahi um homem de bem, que o deshonrei, e a ti, que enganaste a teu marido e que mataste o nosso filho, quando o teu estado de gravidez adiantado podia comprometter-nos. Foi uma loucura, um desvario, mas agora que tudo é passado...

HELENA, *interrompendo-o.*

Agora que tudo é passado, diz o Sr.! Agora é que se complica a nossa situação, agora é que eu me convenço de que nem o meu crime me pôde salvar da vergonha!

EUGENIO

O que dizes? Acaso saberão o nosso segredo? Quem o revelou? Foste tu?!

HELENA, *com um tom de dolorosa amargura.*

Não, não fui eu.

EUGENIO

Sabe-se então? Realisou-se o que eu previa. E agora, Helena, quem nos poderá tirar desta horrivel situação?

HELENA

Sei eu por ventura?

EUGENIO

Mas não te enganas? Quem me diz que te não enganas? Responde-me: quem conhece a natureza das nossas relações?

HELENA

Frederico d'Almeida. Frederico d'Almeida sabe tudo.

EUGENIO

E... só elle?

HELENA
Porque o perguntas?

EUGENIO
Não sei... fallar-lhe-ia... pedir-lhe-ia que nada dissesse. Talvez conseguisse fazel-o calar.

HELENA
Frederico é um homem inflexivel. Depois, é já tarde. Alberto ha de saber tudo.

EUGENIO
Ha de saber tudo? e como?

HELENA
Amanhã estará elle aqui e Frederico contar-lh'o-ha.

EUGENIO
Estará aqui amanhã?

HELENA, *apanhando a carta e dando-a a Eugenio.*
Lê.

EUGENIO, *depois de ler a carta.*

Oh! estamos perdidos! Se realmente Frederico d'Almeida sabe tudo, amanhã sabel-o-ha o Dr. Alberto. (*Pausa*) Mas o que hei de fazer? A minha cabeça está completamente vazia! Nem uma idéa! Parece-me que tenho uma fragoa no cerebro! Fallarei a Frederico... Mas se elle nada souber? Se eu me enganasse? E quem sabe se o encontrarei hoje? Amanhã estará ahi o Dr. Alberto e eu não terei tido tempo de prevenir ao Dr. Frederico. (*Silencio de ambos. Eugenio como que illuminado por uma idéa subita.*) Helena, estás disposta a arrostar o escandalo, a arrostar a vergonha, a arrostar a colera e a maldição de teu pae? Queres fugir comigo?

HELENA

Fugir contigo! Para evitar o escandalo commetti eu um crime horrivel, e ainda me propões a fuga!

EUGENIO

Olha, Helena, muitas vezes tenho pensado nisso, mas abandono immediatamente essa idéa, porque sei que o que temes ácima da colera de teu marido, da maldição de teu pae, o que temes ácima do proprio remorso, é o escandalo. Sei de tudo isso; mas, agora as circumstancias em que nos achamos são taes que o unico meio de salvação que nos resta é a fuga. Tens medo do escandalo? Lembra-te de que amanhã todos saberão o nosso segredo, saberão o teu crime. Todas as veredas estão tomadas; só o que nos resta é...

HELENA, *interrompendo-o.*

E' a vergonha, bem sei. E é tarde já!... Mas não haverá outro meio, não haverá absolutamente meio algum para impedir que Alberto saiba?

EUGENIO

Não ha nem um só meio. E, depois, lembra-te de que a paixão que nos arremessou a este abysmo perdura, existe sempre, cada vez mais intensa, porque eu amo-te desesperadamente, cada vez mais.

HELENA

Meu Eugenio, é um amor maldito, uma paixão céga, um amor de condemnados, mas é a unica consolação nossa nesta vida infernal.

EUGENIO, *com alegria.*

Acceitas então? Meu Deus, como eu sou feliz! Era-nos impossivel separarmo-nos!

HELENA

Unio-nos o crime. Triste união! Mas que fiz eu, meu Deus, para ser punida assim? Punida, sim, porque eu não sou mais que uma fraca mulher que, para cobrir aos olhos do mundo a macula com que nodoara o nome de seu marido, matou—oh! matou—a creança que trazia no ventre. Que Deus nos perdoe, Eugenio.

EUGENIO

Não te atormentes mais, minha amiga, e pensa em preparar-te para fugirmos. Amanhã estará aqui teu marido. Pois bem: fugiremos hoje, á noute.

HELENA

Já?! Hoje á noute?

EUGENIO

Sim, porque amanhã será tarde. A minima demora póde ser-nos fatal. (*Observando Helena*) Julgas-te em estado de poder fazer uma longa viagem? Estás ainda doente. A tua *loucura* comprometteu-te seriamente a vida. Passou já o perigo, é verdade, mas ainda estás tão fraca!...

HELENA

Não é isso o que me inquieta. Sinto-me com forças. E que remedio teria ou senão ser forte quando a nossa salvação o exige tão imperiosamente? Não tenhas, pois, cuidado. Partiremos hoje mesmo, á noute. Prepararás tudo. Eu deixar-me-hei levar, com tanto que me possa ver livre do olhar de meu marido quando elle tudo souber, comtanto que não veja a vergonha de meu pae. E... para onde tencionas levar-me?

EUGENIO

Não sei ainda. Tenciono levar-te mais tarde para a Europa. Mas agora é impossivel. Procuraremos ganhar as Alagoas, e dahi embarcar-nos-hemos para o Rio de Janeiro e do Rio de Janeiro para a Europa. Por hoje, o que posso fazer é tirar-te desta casa funesta para occultar-te por algum tempo, e depois... partirmos para sempre!

HELENA

Como dizes tudo isto entusiasmado! Eu não vejo no que dizes senão uma grande incerteza, um plano vago, um futuro nebuloso e carregado. Vejo mais ainda, porque vejo sempre a minha vergonha!

EUGENIO

E eu vejo a nossa união eterna, a nossa felicidade, o nosso amor. O passado fornecer-nos-ha algumas recordações amargas e dolorosas para ainda mais deliciosa tornar a nossa vida, para conservar sempre juvenil o nosso amor. Ha de vir talvez um dia em que te esquecerás do passado ou só o verás como um ponto negro na historia da nossa vida. Esse dia de suprema ventura valerá para mim todo o martyrio que tenho supportado.

HELENA

Quem sabe se nesse ninho de venturas que tu julgas construir não nos perseguirá ainda a nossa desgraça? Quem sabe se não coraremos ao olharmo-nos? Quem sabe se eu não te accusarei da minha vergonha, e tu não me accusarás de ter destruido o teu brilhante futuro? Oh! mais val que me puna o meu marido, que me mate, que meu pae morra de vergonha, porque a meu marido, já deshonrei-o, a meu pae já nodei-lhe o nome; fiz tudo isto, sim, mas porque te amava. Prefiro a vergonha, a morte, a perder o teu amor, Eugenio!

EUGENIO, abraçando-a.

Eu sou bem feliz! (*Batem palmas: Os dous voltam-se assustados.*)

SCENA IV

OS MESMOS E FREDERICO, *que entra.*FREDERICO, *fingindo nada perceber.*

Desculpe-me, minha Senhora, se não esperei que V. Exc. me mandasse entrar. (*Faz um leve cumprimento a Eugenio.*)

HELENA, *um pouco mais tranquilla.*

De nada tem que desculpar-se, Sr. Dr. Frederico. Entrou, parece-me, em casa d'um amigo de infancia...

FREDERICO, *interrompendo-a.*

Um verdadeiro amigo, minha Senhora, um irmão. Como V. Exc. sabe, eu fui educado pelo pae de Alberto. (*Fingindo só então reparar na pallidez de Helena.*) Mas como passa V. Exc. de seus commodos? Está mais pallida hoje que de ordinario. Parece estar violentamente excitada. Vejo-o pela contracção de seus musculos faciaes. (*Silencio de Helena.*) Sem duvida afflige-a muito a ausencia de Alberto?

HELENA

E' verdade. Desculpe-me se lh'o digo, mas parece-me que nada lhe confesso que o Sr. não saiba.

FREDERICO, *com intenção.*

Sim, nada me poderá confessar a esse respeito que eu já não saiba. Conheço o grande amor que tem V. Exc. por seu marido, e alegro-me por isso. Bem o merece Alberto, não é assim, Sr. Eugenio de Amorim?

EUGENIO, *titubeante.*

Certamente. (*Silencio*) O Dr. Alberto é um bello talento.

FREDERICO, *com força.*

Diga que é tambem um bello character, um homem de bem. Na sua vida privada quem lhe notará uma só mancha? E' amado por sua mulher, ama-a, (*movimento de Helena,*) adora-a, devo dizer, é um amigo sincero e devotado, incapaz de trahir a quem quer que seja. A sua vida publica é tambem isenta de nodoas; a opinião publica respeita-o e applaude o brilhante papel que Alberto tem desempenhado na Camara. Tem trinta annos e é um dos nossos primeiros oradores parlamentares. Tem, além disto, a paixão dos grandes homens—a ambição. Emfim, Alberto, promette ser dentro em breve o maior vulto da tribuna parlamentar brasileira. Eis de que se orgulha D. Helena, e tem razão para isso.

HELENA

Dou-me os parabens por ver que o Dr. Frederico de Almeida applaude e acha legitimo o meu orgulho.

FREDERICO

A proposito, tem V. Exc. recebido noticias de Alberto?

HELENA

Não me tem elle escripto. Sei apenas por intermedio de meu pae que Alberto deve chegar aqui pelo primeiro paquete.

EUGENIO, *interrompendo-os.*

Peço licença a V. Exc. minha Senhora e ao Sr. Dr. Frederico de Almeida para retirar-me. Tenho negocios importantes para hoje ás 11 horas e apresso-me em concluil-os. São dez horas e meia e não tenho tempo a perder.

FREDERICO

Até a vista, Sr. Eugenio.

HELENA

Passe bem, Sr. Eugenio. (*Acompanha-o até a porta*)

EUGENIO, *a Helena, ao sair.*

Daqui a duas horas voltarei.

SCENA V

OS MESMOS, MENOS EUGENIO.

FREDERICO

Ia eu dizer-lhe, minha Senhora, que, já que o Dr. Azevedo desmanchou o effeito da surpresa que preparava Alberto, podia tam-

bem eu ser-lhe agradável dando-lhe uma noticia muito mais recente.

HELENA

Qual será essa noticia? Vejamos.

FREDERICO

E' que está ahi o paquete. Chegou com 24 horas de adiantamento. Eu vinha até saber se Alberto já tinha desembarcado, mas elle tinha preparado a surpresa e eu não queria... Mas V. Exc. perturba-se... O que é isso, minha Senhora?

HELENA, *procurando vencer a sua perturbação.*

Nada... não é nada... uma noticia inesperada... quando eu me acho tão nervosa...

FREDERICO, *em um tom grave.*

Perdão, minha Senhora, uma noticia agradável, pois não póde deixar de ser agradável á uma mulher que ama a seu marido saber que, depois da longa ausencia de um anno, elle vem abraçá-la.

HELENA

Sim, muito agradável...

FREDERICO

Mas V. Exc., longe de alegrar-se, perturbou-se. Dir-se-hia que tem medo de que seu marido chegue...

HELENA, *ainda mais perturbada.*

Senhor! E' pouco digno do Senhor, o maior amigo de Alberto, ter suspeitas da mulher de seu amigo; é pouco digno do Senhor duvidar...

FREDERICO, *interrompendo-a.*

Duvidar, sim, minha Senhora; mas V. Exc. autorisou-me a isso. A sua perturbação ao receber a noticia que eu lhe dava, perturbação visível e compromettedora o que queria dizer?

HELENA, *fazendo um esforço supremo.*

Queria dizer tudo, menos o que o Sr. suspeitou!

FREDERICO, *cruzando os braços e olhando-a algum tempo em silencio.*

E' inutil, minha Senhora, querer representar uma comedia indigna e que ainda a degrada mais do que já o está a Senhora. Seria pouco digno de mim duvidar da mulher de Alberto, disse-o eu, e é verdade; mas eu não duvido, eu tenho' certeza: eu sei que a Senhora deshonorou seu marido!

HELENA

Senhor! (*Transição*) E como pôde saber isso?

FREDERICO

Como pude sabel-o? Não venho aqui sempre? Notei as assiduidade do Sr. Eugenio junto da Senhora, vi que se amavam, procurei tudo impedir, mas embalde esforcei-me. Um dia vi que era já tarde: a Senhora estava grávida! De repente cahio doente; eu quize saber o que era: negaram-m'o. Perguntei ao medico; re-

sistio. N'uma anciedade horrivel suppliquei-lhe que me revelasse qual a causa da molestia de V. Exc. Disse-m'a, disse-m'a, e antes não m'a dissesse. Sube então que a Senhora, além de enganar Alberto, fizera-se abortar para que, chegando seu marido, a acreditasse tão casta como a deixára. Custou-me muito acreditar que a Senhora juntasse ao que podia ser uma queda, ao que podia ser uma fraqueza, aquillo que não podia deixar de ser um crime, um grande crime!

HELENA

(*A' parte*) Meu Deus! meu Deus! (*Alto, a Frederico*) o Sr. mente, é falso tudo o que diz! Julga-me então capaz de semelhante crime? Crê que a minha alma seja tão hedionda? Póde acreditar que eu realmente matasse o meu filho?

FREDERICO, *com uma explosão de colera.*

Póde procurar fugir-me com a sua impudencia, mulher perversa! E' inutil; tenho-a nas minhas mãos, e previno-lhe de que ellas neste momento transformam-se em garras. Quando eu esperava vel-a petrificada ao gritar-lhe: Sei tudo! encontro-a ainda em disposições de representar uma comedia revoltante. Oh! e como pôdem os homens perdoar! N'um momento, por um capricho, as mulheres transformam uma vida, que antes era um rosal, n'um inferno. Vós tendes glorias, nobres aspirações, tendes o coração cheio do amor de tudo quanto é bello e generoso, e ellas atiram-vos ao banco dos réos, e dão uma consistencia granitica a esse coração que d'antes se abria a todos os sentimentos grandes. (*Como que fallando consigo mesmo.*) E, entretanto, nós temos toda a culpa. Nós assim fazemos a mulher. E' um bello e rico movel. Na sua fronte polida como o marmore e levemente tinta por um sangue puro nós não vemos outra utilidade que não para um beijo. Naquellas cabeças cobertas de sedosos e longos cabellos os homens julgam que não ha uma só idéa! E' este erro fatal o que produz o adulterio. (*Para Helena*) O adulterio só, póder-se-hia perdoar, mas o feticidio!.

HELENA

Oh! O Sr. esmaga-me o coração; parece-me que o aperta em seus dedos de bronze. Eu sou bem culpada, conheço-o, confesso-o. O Sr. não disse mais do que me brada constantemente a consciencia. Mas, se soubesse o que eu soffro, se soubesse o que me induzio a commetter semelhante crime.

FREDERICO, *ironicamente.*

Eu sei: a Senhora tinha medo de engrossar a cintura.

HELENA

Não me atormente mais com essa ironia. Se soubesse o que me levou a commetter esse crime, talvez me perdoasse.

FREDERICO

Perdoal-a, eu! Julga então a Senhora que não tinha mais

que ajoelhar-se a meus pés e chorar durante alguns minutos para que eu perdoasse o seu crime, para que lhe perdoasse o ter envenenado a existencia de Alberto. Se tão facilmente se perdoassem taes crimes, não haveria no mundo uma só mulher honesta!

HELENA

Deixe-me, deixe-me fallar. Sabe o Sr. porque eu matei o meu filho, porque condemnei-me em vida ao remorso e depois de morta ao inferno? Foi (*com um grande grito*) porque esperava salvar assim a honra de Alberto e o nome de meu pae!

FREDERICO, *segurando-a com força.*

Desgraçada! Porque esperavas salvar a honra de Alberto e o nome de teu pae? Ah! comprehendo... Mas é horrivel! Porque te deixaste cahir em tão profundo abysmo? Nada salvaste. Alberto está deshonrado e queira Deus que aquelle nobre character não se deixe succumbir a tão profundo golpe. Temo que aquella natureza ardente não saiba resistir á desgraça e seja arrastada a um crime. Elle é um homem honrado: tenho medo! E tenho medo tambem porque elle ama-a, minha Senhora, ama-a muito. E o Dr. Azevedo? O magistrado honrado, o homem honestissimo que nunca soube o que era a vergonha, morrerá de dôr assim que souber tudo. Eis o que produz a sua quêda, minha Senhora: arrasta ao abysmo dous homens de bem.

HELENA, *apressadamente.*

Mas pôde-se impedir tudo. Meu marido nada sabe... nada sabera.

FREDERICO, *com um accento de inabalavel firmeza.*

Ha de saber tudo!

HELENA

Quem lh'o dirá?

FREDERICO

Eu.

HELENA

O Sr. é então um homem sem coração! Que prazer terá em torturar-me assim, em fazer com que meu marido me mate e vá parar ao banco dos criminosos, em fazer com que o meu pobre pae morra de dôr? Quando me lembro de que o Sr. poderia impedir tudo isso e não o quer...

FREDERICO

E não o devo.

HELENA

Não o deve?! O seu silencio salvaria da mais horrivel vergonha uma familia inteira, e ainda me vem o Sr. dizer que o seu dever é deshonrar esse homem, é deshonrar esta mulher, é deshonrar esse velho, que o seu dever é matar-nos! Em que se funda semelhante dever? Póde ser um dever de demonio, porque quem

traz dentro do peito um coração de homem não pôde ter tamanha crueldade !

FREDERICO, *com um tom grave.*

O meu dever, minha Senhora, é fazer com que deixe de ser ludibriado um homem de bem. E' uma grande desgraça, bem sei ; bem sei que vou causar a meu amigo um mal horrivel, irreparavel, sem limites, mas eu, na posição em que me acho, não posso fazer outra cousa sem concorrer para que Alberto continue n'uma situação que eu acho penosa e o mundo ridicula,—porque o publico minha Senhora, já sabe de suas relações com o Sr. Eugenio d'Amorim. Oh ! muito me custou resolver-me a revelar tudo a Alberto. De um lado eu via que ia despedaçar-lhe o coração ; mas via por outro lado que, se mecalasse, expunha Alberto á posição mais baixa e degradante imaginavel para um homem de bem. Se eu me calasse, consentiria, *ipso facto*, que Alberto continuasse a amal-a, a viver com a Senhora, a ter talvez da Senhora filhos que um dia, quando a conhecessem, envergonhar-se-hiam de ter nascido d'uma tal mulher. Ainda assim, o publico, sabendo que a Senhora enganou Alberto, mas não conhecendo as terriveis circumstancias do crime, que a Sr.^a commetteo, faria chegar aos ouvidos do seu marido, cedo ou tarde, a noticia da sua deshonra. Imagine a Senhora que é já depois de muito tempo, que Alberto ama-a cada vez mais, que a Senhora inventará um milhão de attenuantes. O que sahiria d'ahi? Alberto a mataria ou perdoal-a-hia talvez. E' isso exactamente o que eu quero prevenir. Prefiro partir o coração de Alberto, prefiro matal-o com a nova horrivel que lhe vou dar, prefiro tudo isso a vel-o perdoar-lhe o seu crime, prefiro tudo isso a vel-o commetter uma infamia, o que aconteceria se elle um dia lhe perdoasse. E' esta a minha resolução, ganha depois d'uma lucta immensa e dolorosa, da qual sahi felizmente com a minha consciencia limpa. Antes de tudo, eu perguntei a mim mesmo se, achando-me nas circumstancias de Alberto, quereria que me revelassem tudo. A minha consciencia de homem forte e probo, porque o sou, respondeu-me que sim. (*Longo silencio.*)

HELENA

E' inflexivel. A sua resolução não pôde então ser mudada ?

FREDERICO

E' immutavel.

HELENA

Nem a dosgraça da nossa familia o pôde demover desta resolução implacavel, terrivel, que nos mata a todos ?

FREDERICO

Nada me pôde demover.

HELENA, *ajoelhando-se-lhe aos pés.*

Nem se lhe pedir de joelhos por tudo o que tem de mais caro no mundo ? Olhe, o Sr. é moço, sabe quanto é dolorosa a

morte em a nossa idade, sabe quanto me deve ser horrivel essa idéa, a mim, mulher, moça. Pois bem ; prefiro morrer a que meu marido saiba tudo. Eu lhe supplico, eu lhe rogo, Frederico, cale-se. Considere que, se contar tudo a meu marido, não fará menos do que matar-me, e o Sr. é moço, é bello, tem o futuro diante de si, deve ser por força generoso ; deixe, pois, esse horrivel papel de algoz d'uma familia inteira. Verá como serei de hoje em diante terna para com Alberto, verá como hei de amal-o. Hei de reparar os meus erros por uma vida de educação e amor a meu marido !

FREDERICO, *commovido*.

Por favor, minha Senhora, levante-se... levante-se.

HELENA

Frederico ! O Sr. commove-se, não m'o queira occultar. Perdoa-me, não é assim ? Oh ! como o Sr. é bom ! (*Ouvem-se passos ; os dous voltam-se e veem o vulto de Alberto assomar á porta de entrada.*)

SCENA VI

OS MESMOS, E ALBERTO.

FREDERICO

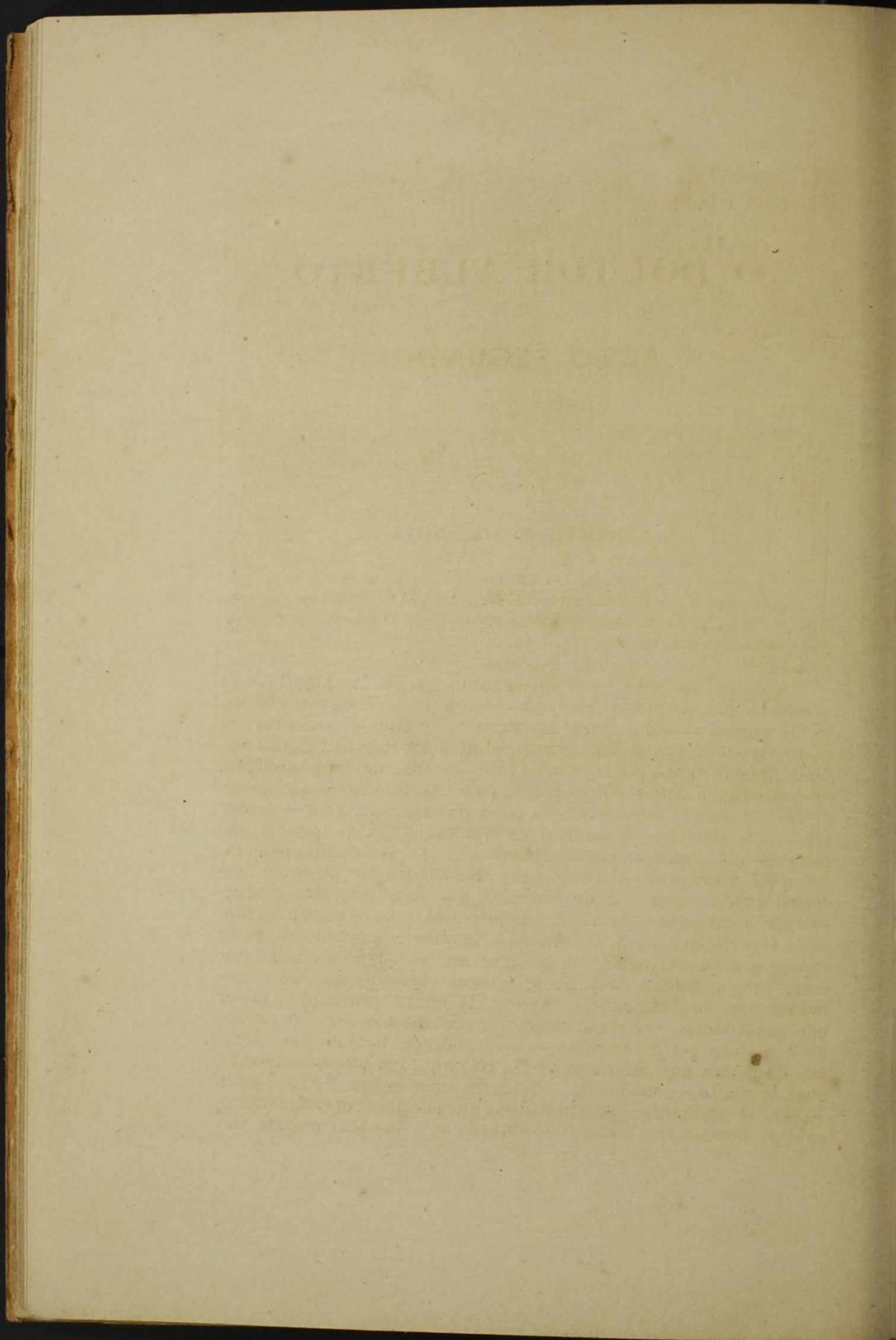
Eil-o.

HELENA, *á parte*.

Está tudo perdido !

(*Alberto encara fixamente a sua mulher ajoelhada e o seu amigo, desce depois rapidamente a scena, toma do braço de Frederico, com um gesto quasi brutal, e desaparecem os dous no bastidor.*)

(*Cahe o panno*)



O DOUTOR ALBERTO

ACTO SEGUNDO

(A mesma decoração.)

SCENA I

ALBERTO E O MEDICO

ALBERTO

Mas esta V. S. convencido, Sr. Dr., de que foi tudo isso proposital? Não poderia ter sido produzido o abortamento por qualquer causa accidental?

MEDICO

Mandou-me pedir que chegasse até aqui, Sr. Dr. Alberto, e eu prevendo já o que ia acontecer, não hesitei um só instante. E' critica a minha posição. Amanhã dirão todos que o meu dever era calar-me e deixar que o Sr. continuasse a ser enganado. Eu entendendo exactamente o contrario, e julgo-me nas mesmas condições da testemunha que depõe. Assim, pois, dir-lhe-hei o que penso. (*Pausa*) Estou convencido de que a Sr.^a D. Helena fez-se propositalmente abortar. Quando n'um estado que ella não previra, tão perigoso era, mandou-me D. Helena chamar, perguntei-lhe se sabia qual a causa do abortamento. Respondeu-me primeiro uma cousa, depois outra. A incoherencia das suas respostas despertou-me a attenção. Havia já um mez notava eu os continuos passeios a carro que dava D. Helena. Conhecendo o seu estado, eu consegui n'uma occasião em que nos encontrámos, dizer-lhe que eram bem perigosos taes passeios, sem comtudo dar-lhe a entender que de tudo sabia. Apezar da minha prevenção e talvez por causa dessa prevenção mesmo, a sua mulher, Sr. Dr., redobrou os seus perigosos passeios. Já com este indício que me fazia suspeitar das intenções de D. Helena, corri ao seu chamado, quando ella se achou doente. Como já disse, perguntei-lhe a causa do seu abortamento. Respondeu-me que porque se apertára muito, porque dansara trez walsas seguidamente, o que era em parte ver-

dade. Tendo quasi a certeza do seu crime, observei-lhe que se o medico ignorasse a verdadeira causa do abortamento, corria-lhe a vida grande perigo. Assustou-se, e disse-me que talvez fosse por haver innocentemente tomado certos medicamentos. Esses medicamentos, creio que o adivinha já, Sr. Dr., eram precisamente aquelles que alguns observadores consideram como abortivos. Cumpre-me, entretanto, dizer-lhe que não é infallivel a acção abortiva desses medicamentos, ainda mesmo a da cravagem de centeio, apontada por alguns medicos como o mais terrivel expulsivo dos fetos. E' verdade que o mais inoffensivo desses expulsivos pôde provocar o abortamento nos primeiros mezes da prenhez, circumstancia em que se achava D. Helena, mas, como já tive a honra de dizer-lhe a sua acção é fallivel, e a sciencia só pôde decidir se houve ou não abortamento quando é este provocado por meios mechanicos. A' vista, pois, do que acabo de expor a V. S., o que me determinou a crer que foi proposital o abortamento em questão foram as terriveis circumstancias em que se achava D. Helena e o uso que fez dos abortivos, gozando ella d'uma saude perfeitamente regular. Além d'isto, sua Senhora, Sr. Dr. Alberto, não ignorava a influencia dos medicamentos de que usava, tanto que m'os apontou como uma das causas provaveis do abortamento. Para quem conhecia as condições em que se achava D. Helena, não podia isso deixar de constituir uma prova irrecusavel, e, na situação perigosa e solenne em que me acho, não hesito em affirmar que houve um crime.

ALBERTO

Repito-lhe então o que disse a V. S. quando aqui chegou. Agradeço-lhe do fundo d'alma o serviço immenso que acaba de prestar-me. Serviços desta ordem não se podem retribuir. Entretanto, se a gratidão pôde ser a moeda com que se os pague, queira acceitar a minha que será eterna.

MEDICO

Muito agradecido. Tratava-se da honra de V. Exc., e eu que me préso de ser honrado não me podia recusar a fazer o que fiz. Se lhe pôde, na situação dolorosa em que se acha, ser util um amigo, queira considerar-me como tal. Será a minha recompensa. *(Apertam-se as mãos. O medico sahe.)*

SCENA II

ALBERTO E FREDERICO.

(Alberto deixa-se cahir sobre uma cadeira em fundo meditar.)

FREDERICO, entrando.

Então, Alberto ?

ALBERTO

Não duvidei um só momento de tua palavra. Precisava do depoimento do Dr.: eis porque mandei-o chamar.

FREDERICO

E o resultado de tua conferencia com o medico?

ALBERTO

Repetiu-me o que já me havias dito. Não tenho duvidas.

FREDERICO

Era inutil mandar chamar o medico quando eu tinha te dito que tua propria mulher m'o havia confessado, quando tu a viste a meus pés pedindo-me que me calasse.

ALBERTO

E porque m'o disseste? Seria melhor calares-te: eu não soffreria tanto, não padeceria como padeço.

FREDERICO

Alberto! Outro qualquer teria direito a dizer-me isso; tu não!

ALBERTO, *com um gesto doloroso.*

Sim, não tenho. Perdoa-me, meu amigo. Mas, se soubesses o que eu tenho aqui e aqui, (*bate no peito e na testa,*) se soubesses como eu tenho o inferno n'alma, comprehenderias tudo... Mas tu és frio como o dever, nunca soubeste, e queira Deus que nunca saibas, que idéas extravagantes, infernaes, nos veem ao cerebro como o cortejo fatal da desgraça que nos fere! Tu és um homem forte, uma alma de bronze... mas eu?! Eu amava essa mulher que me trahio... amo-a ainda! Sim, agora é que a amo. E' uma paixão horrivel, indigna de mim, mas agora—vês tu?—agora é que a amo com todo o ardor da mocidade, com o phrezezi do delirio!... E odeio-a, odeio-a tambem com toda a minha alma. Queria vel-a morta... não! Eu não sei o que queria! (*Chora*) Lembra-te, Frederico, eu era bom: agora sou máo, o meu coração é uma chaga, hediondo como uma ulcera. Deixa-me dizer-te, a ti, só a ti, porque eu envergonho-me desse sentimento infame: eu quasi que me alegrei quando sube que ella tinha morto o filho!

FREDERICO

Alberto!

ALBERTO

Sim! Este sentimento máo entrou-me no coração como uma balla: extrahil-o-hei. (*Como que fallando consigo mesmo.*) Eu teria talvez de odiar essa criança, a testemunha a prova ambulante, viva, da minha vergonha. Oh! como me tornaram máo! (*Longo silencio.*) E as minhas glorias, a minha ambição, as minhas aspirações largas?... tudo... foi-se tudo. (*Pausa*) E sabe um homem de bem diante d'uma destas catastrophes o que ha de fazer? (*Pausa. Como que fallando consigo mesmo.*) E' um dilemma terrivel: o ridiculo ou a prisão!

FREDERICO

Estás doudo! O ridículo!... Que te importa o que possa dizer de ti o mundo? E a tua consciencia? Se fores um homem de bem até o fim, até o desenlace deste drama, poderás passar amanhã de cabeça erguida diante da cidade inteira. Rirão á sobcapa, mas dirão comsigo: alli vae um homem honrado.

ALBERTO, *um pouco mais calmo.*

Responde-me, Frederico, tu que és um homem honrado, responde-me: o que devo fazer?

FREDERICO

Tudo o que não seja um crime.

ALBERTO

Não tive resposta. Fizeste bem. Lembras-te-me o meu dever, e é quanto basta. Nas condições em que me acho deve-me guiar a minha consciencia. Retira-te para o meu gabinete e faze chegar aqui a minha mulher.

FREDERICO, *depois de alguns momentos de indecisão.*

Alberto, confio em ti. (*Sahe.*)

SCENA III

ALBERTO, *só.*

ALBERTO

Tenho medo.

SCENA IV

ALBERTO E HELENA.

HELENA, *entrando.*

O que me quer ainda, Senhor?

ALBERTO, *depois d'uma grande luta intima em que esforça-se por acalmar-se.*

Sente-se, minha Senhora. A Senhora deve avaliar a natureza da nossa conferencia. E' inutil, pois, dizer-lhe que pezo deve ella ter na nossa vida. Queira responder-me, mas (*exaltando-se*) por tudo o que ha sagrado para a Senhora, se ainda crê que alguma cousa neste ou no outro mundo lhe mereça o respeito, por tudo o que para a Senhora ha de sagrado, responda-me sem mentir.

HELENA

Senhor! E' indigno que me mandasse chamar para insultar-me. Mate-me, mas não me insulte. Lembre-se de que sou uma mulher.

ALBERTO, *dolorosamente.*

Não a insulto, não. Não terei acaso o direito de duvidar do que diz a Senhora? (*Ironicamente*) Mate-me antes, diz a Senhora. Conheço toda a extensão destas palavras. A Senhora quer ver se, excitando-me a colera, fará com que eu me atire sobre a Senhora para estrangulal-a. Sabe que Frederico está aqui, no meu gabinete, e sabe que elle acudir-lhe-hia. A Senhora gritaria, diria que eu a quiz matar, far-me-hia prender, far-me-hia até perder a unica cousa que me resta neste mundo—a amizade de Frederico. Mas não será assim, dou-lhe a minha palavra de honra; não será assim!

HELENA

O Sr. tem o direito de a meu respeito suppor o que ha de mais infame, de mais baixo, de mais vil. Tem o direito de torturar-me á sua vontade... Não o deshonrei eu?... não lhe enxovalhei o nome?

ALBERTO, *com uma explosão de colera.*

E ainda o recorda, ainda o relembra! Dir-se-hia que se arrepende, que soffre, que soffre muito. Mas eu vejo bem claramente na sua alma, vejo no meio da lama de que é feito o seu espirito o desejo ardente de fazer-me padecer as torturas do inferno. Mas não o ha de conseguir! Vê como estou calmo? Tenho uma couraça contra o seu punhal. Não me faz soffrer, minha Senhora! (*Com um grande grito.*) Mentira! Eu tenho um brazeiro no cerebro, tenho n'alma a dôr mais violenta e lancinante. Antes me matasse, digo eu a Senhora... Mas que mal lhe fiz para que se vingasse desta forma? (*Soluçã.*)

HELENA, *á parte.*

Meu Deus! meu Deus! Seria para mim neste momonto a suprema ventura o poder elle ver quanto eu soffro, o poder elle ver a minha vergonha e o meu remorso!

ALBERTO, *levantando-se bruscamente.*

Que cobarde que eu sou! Vio-me a Senhora chorar! Oh! mas ha maguas tão fundas, chagas tão dolorosas, que,—tenha um homem alma de granito!—farão brotar dessa rocha lagrimas de dôr de desespero, de raiva! (*Transição*) Mas como poderia eu prever tudo isso? Como poderia eu adivinhar que a Senhora me havia de trahir por modo tão vil? Quando pedi-lhe a seu pae, porque não me disse logo a Senhora: Olhe eu sou uma mulher vil; nasci para ser falsa, infame, galé! E não sô me mentio a Senhora, não só deshonrou o nome de seu pae, mas matou o seu filho, matou-o, sim!

HELENA, *com um grito dilacerante.*

Meu filho?! (*Para Alberto com um movimento quasi colerico.*) Foi o Sr. quem m'o fez matar, foi o Sr....

ALBERTO, *interrompendo-a.*

Já conheço a comedia. Contou-m'a Frederico. A Senhora

deshonra-me, expõe-me ao ridículo, ao ouvir nas ruas rirem atrás de mim, a ser apontado nas esquinas com a ponta das bengalas; e e ainda me diz que eu matei o seu filho! Como havia a Senhora de prender a seu amante, se de repente se lhe engrossasse a cintura, e a Senhora se tornasse feia? (*Ri com um riso surdo e nervoso.*)

HELENA, *com a voz cortada por soluços.*

Porque me diz isso o Sr.? Matei o meu filho, digo-o, mesmo porque o Sr. sabe. Que interesse tenho em mentir-lhe, já que o Sr. sabe tudo? Mas hei de dizer sempre: matei o meu filho, mas porque respeitava ao Sr., porque queria ver se, escondendo aos olhos de todos a minha vergonha, o Sr. poderia passar nas ruas de cabeça erguida. Deus me castigou! Tudo foi inutil. E agora que eu soffro o remorso e a vergonha, agora que a maior das desgraças desabou sobre mim, o que posso eu temer? Não temo a sua colera nem a sua vingança, porque é impossivel que me faça soffrer mais do que m'o faz a minha consciencia. Não digo isso para que o Sr. se commova, para que perdoe-me. Receio-o, temo-o, não quero o seu perdão. O que seria eu perdoada pelo Sr.? O remorso e a pena pódem fazer-me expiar o meu crime. Se o Sr. me perdoasse eu estaria eternamente condemnada. O perdão que o Sr. me atirasse á face, eleva-lo-hia immensamente, mas far-me-hia descer ainda mais.

ALBERTO

Não tenha receio: eu não hei de perdoal-a. Perdoal-a, eu?! Eu era honrado e a Senhora deshonrou-me; tinha diante de mim o futuro largo, immenso, e a Senhora elevou entre mim e a felicidade que eu sonhára uma parede de bronze; eu era bom e a Senhora tornou-me mau; não... não hei de perdoal-a! Eu amava-a, amava-a muito e a Senhora (*precipita-se sobre Helena, mas immediatamente estaca, faz um esforço violento para conter-se, e cahe prostrado sobre uma cadeira.*)

(*Longo silencio. Helena conserva-se de pé, presa da mais violenta commoção.*)

ALBERTO, *levantando-se.*

E' uma cousa horrivel, não acha minha Senhora? (*Helena baixa a cabeça*) Depois d'um anno de luctas, cançado da politica, voltar os olhos para o lar, e vir, com a alma plenissima de esperanças, sequiosa de paz e amor, para encontrar no seio da familia a vergonha e o crime! Romperem-se assim, subito, todas a um tempo, as fibras mais sensiveis do coração, como se mão de bronze as vibrára!... Encontrar, em vez da esposa, que era a nossa esperança, a nossa fé, o anjo consolador dos nossos máus dias, que nos affagava nas horas amargurosas da existencia, e nos borrifava de suavissimo balsamo o coração a sangrar das feridas recebidas na

lucta ; encontrar, em vez da mulher,—a besta ; em vez do anjo consolador,—um demonio que nos envenena a vida !

HELENA, *dando um passo para elle.*

Pelo amor de Deus ! Não vê que me mata ? Quer que eu commetta um novo crime ? Meu Deus ! Onde ha ahi dôr que se compare á minha dôr, onde ha-hi vida inteira de soffrimentos que valha um só minuto desta hora tremenda ?

ALBERTO, *com alegria.*

Ah ! soffre ? Provou uma só gotta do calix em que eu ha uma hora bebo a largos haustos ? Se é que soffre, se é que seu coração se comprime lá dentro do peito em cortosões horriveis, avalie por isso, bem fraca medida, é verdade... avalie por isso o que me vae cá dentro. E entretanto, a Senhora é culpada, muito culpada, e eu... eu que mal nenhum fiz a quem quer que seja no mundo, eu que sou innocente, diga-me : porque soffro ? Já sei : exactamente porque a pessoa alguma fiz mal, exactamente porque sou um homem honrado. Não é só por isso, não ; eu soffro principalmente (*com um grito*) porque amava-a... amava-a muito... (*Calla-se, agitadissimo, e indica resolutamente a porta á Helena, que sae:*)

SCENA V

ALBERTO, *só.*

E amo-a ainda ! (*Cahe sobre uma cadeira, esconde o rosto nas mãos e chora.*)

SCENA VI

ALBERTO E AZEVEDO.

AZEVEDO, *entrando e correndo para Alberto.*

Meu filho ! (*Vae a abraçal-o e recua estupefacto*) Tu choraste ? O que é isso, Alberto ? Tens os olhos inchados. O que significa tudo isto ?

ALBERTO

Que uma grande desgraça acaba de cahir sobre nós.

AZEVEDO

Uma grande desgraça ? Falla... não te comprehendo.

ALBERTO

E' mais grave talvez do que lhe possa parecer neste momento o que lhe vou dizer, meu pae. E' exacto ; uma grande desgraça, uma grande catastrophe que nos fere a ambos. Sente-se e descanse um pouco. Não quero matal-o, o que succederia sem duvida

se, sem o prevenir, dêsse-lhe de chofre a terrível nova. Eu sou moço, e sei de quanto é capaz uma dôr de tal natureza.

AZEVEDO

Falla, meu filho; é dez vezes preferível a peor noticia á anciedade horrível, á duvida em que me acho.

ALBERTO

Pois bem: fallarei. (*Pausa*) Sua filha... deshonrou-nos.

AZEVEDO

Minha filha? Deshonrou-nos?! Enloqueceste, Alberto!

ALBERTO

Não, não enloqueci. Infelizmente!

AZEVEDO

Mas o que dizes é impossível... impossível... Sim... talvez... elucidemos. O que queres dizer com estas palavras—deshonrou-nos? Vê bem o que ellas valem em si, e o que valem ditas por ti e... e a mim...

ALBERTO

Eu me explico. O que quero dizer é que sua filha é... uma adúltera!

AZEVEDO

Adúltera! Mentas, Alberto!

ALBERTO

Mentir, eu! Compreendo... compreendo. Perdão-lhe, porque eu disse o mesmo ao meu maior amigo. E quem o não dirá quando em face lhe gritarem: Tua mulher trahe-te?! Eu sei o que é isso. O sangue vem-nos ás faces e ao cerebro, e com o sangue vem-nos tambem ao cerebro uma turbilhão de idéas, no meio do qual ha um pensamento terrível, que em cada segundo vae-se dez vezes para dez vezes voltar: Matar! Eis a nossa idéa fixa quando sentimos o golpe que nos fere.

AZEVEDO

Mas, pelo amor de Deus, Alberto, dize-me que é impossível, que me enganas... que te enganas... Na minha idade... sessenta annos de honradez... é horrível! Tu te enganas, não, Alberto?

ALBERTO

Não me engano, não. Sei até mais: sei que sua filha... sei que sua filha... matou tambem a criança que trazia no ventre.

AZEVEDO, *com um grito de horror.*

Feticida! Minha filha?! Não acredito. Olha, Alberto, quando lhe morreo a mãe, ella tinha dous annos. Eu quasi que lhe servi de ama... criei-a nos meus joelhos... E tu achas que ella seja capaz de um tal crime? E' falso!... Ella era tão meiga em creança... tão boa... Não, não é possível!

ALBERTO

E' a verdade.

AZEVEDO, *quasi louco*.

A verdade? Então a verdade é a mentira, porque tu mentes, porque querem enganar-me. Quem sabe se não fazes isso para te divertires á minha custa? Confessa... confessa que brincas.

ALBERTO

Não brinco, não, meu pae, e, apesar de tudo o que ha nisso de horrivel, de impossivel, de incrivel, é esta a verdade.

AZEVEDO, *depois de longo silencio*.

Que um pae crie nos joelhos a filha que estremece, que lhe seja pae e, ao mesmo tempo, mãe e ama, que a eduque, que a veja crescer, que seja honrado e trabalhe para garantir o futuro dessa creança, que a case com um homem de bem, para depois... aos sessenta annos... ser deshonorado por essa mesma creança que elle fez crescer á força de beijos, que na sua velhice aconteça-lhe tamanha desgraça... que uma probidade de sessenta annos seja eternamente enxovalhada por um capricho momentaneo... oh! não... não é possivel! (*Longo silencio, apenas interrompido pelo soluçar do ancião.*) A minha dôr foi excessiva, Alberto; modero-me um pouco. Dize-me: como soubeste da... da infamia dessa... mulher?

ALBERTO

Disse-m'o Frederico d'Almeida, e, para provar-m'o, trouxe-me o medico que tratou de sua filha quando ella... esteve doente.

AZEVEDO

Frederico não mente. E o medico confirmou?

ALBERTO

Confirmou tudo.

AZEVEDO

E quem é o amante de minha... de tua mulher?

ALBERTO

Eugenio d'Amorim.

AZEVEDO

Eugenio d'Amorim? Não conheço. Conheces-l-o?

ALBERTO

Vi-o algumas vezes em casa de amigos meus.

AZEVEDO

E... fallaste á tua mulher, Alberto? Perguntaste-lhe tudo? O que disse ella? Confessou-te o crime? negou-o? Dize-me: o que te respondeu ella?

ALBERTO

Confessou-me tudo.

AZEVEDO

Não procurou justificar-se?

ALBERTO

Disse-me apenas que, se matára a criança, fôra para salvar a nossa honra.

AZEVEDO

E quem sabe se não é a verdade ?

ALBERTO

Duvidei a principio, mas acreditei depois.

AZEVEDO

Mas o que pretendes fazer ?

ALBERTO

Não sei ainda, meu pae. Mas afianço-lhe que qualquer resolução que tome será digna d'um homem de bem.

AZEVEDO

Não duvidei um só instante. Confio em ti, Alberto. Agora faze-me chegar aqui a minha filha; quero fallar-lhe.

ALBERTO, *a um criado que tem chamado.*

Vá chamar a Senhora; que venha aqui. (*Prolongado silencio. A Azevedo*) para que manda chamar sua filha, meu pae ?

AZEVEDO

Para vel-a pela ultima vez.

ALBERTO

Terá coragem para isso ? Não será melhor fugir a um colloquio doloroso, e que só poderá aguentar a sua desgraça ?

AZEVEDO

Terei coragem. Silencio. Eil-a.

SCENA VII

OS MESMOS E HELENA.

HELENA, *recuando ao dar com Azevedo.*

Meu pae ! (*A' parte*) Ainda esta provação, meu Deus !

AZEVEDO

Sim, minha Senhora, eu que quiz vel-a pela ultima vez, porque eu... já sei de tudo; quiz vel-a para procurar na sua physionomia um indício do que que seja a sua alma, para ver se a Senhora tem feições que eu não conheço, que eu nunca vi, porque minha filha tinha—bem me lembro!—um rosto em que se lia a bondade do coração, e a Senhora... a Senhora matou seu filho !

HELENA

Meu pae !

AZEVEDO

Não, não sou seu pae, porque a Senhora não é minha filha. A minha filha eduquei-a eu, moldei-lhe a alma como se molda a cêra, e dei áquella almasinha de creança a feição da bondade. Eis como eu fiz minha filha. Agora apparece-me a Senhora—uma galé ! (*movimento de Helena*)—sim, uma galé—e diz que é minha filha. Póde sel-o, mas eu não sou seu pae.

HELENA, *a Alberto.*

Foi o Sr. quem preparou isto? Se foi, acredite que pune-me mais cruelmente do que o meu terror poderia imaginar.

ALBERTO

Foi elle quem me pediu para vel-a.

AZEVEDO

Bem, Alberto. Eu não posso demorar-me aqui um só instante sequer. Espero que has de proceder como um homem de bem. Adeus.

HELENA, *desesperada.*

Não, não sahirá sem ouvir-me. Até Vmc., meu pae?! Ha duas horas martyrisam-me, atormentam-me todos, sem piedade, e eu soffro... soffro... São todos homens e eu sou uma mulher. E não ha um só que me diga uma palavra de compaixão! Repellem-me todos, condemnam-me todos, e nem um ha que queira acreditar que eu seja uma desgraçada mulher. Acredital-o-ha, Vmc., não é assim, meu pae? Sabem porque eu matei meu filho? Foi para que não o visse corar de vergonha, ao Sr., Alberto, foi para que não o visse morrer de dôr, a Vmc., meu pae! E á minha vergonha insultam todos, insultam-me, a mim, que me tornei criminosa por amor dos Senhores! Sou culpada, mas sou infeliz; sou criminosa, mas tambem sou digna de compaixão. Não me amaldiçõe, meu pae. Todos poderiam condemnar-me, Vmc. não. Cumpre-lhe chorar pela minha desgraça, porque foi Vmc. tambem uma das causas desta catastrophe. Eu era creança, não sabia o que era a vida, e principalmente a vida do lar, e caaram-me com um homem a quem eu não amava! Perdõe-me, meu pae, perdõe-me !...

(Azevedo vae a abraçal-a, e púra ao ver o olhar severo de Alberto fixo sobre elle. O velho volta-se, e sahe commovidissimo.)

SCENA VIII

OS MESMOS, MENOS AZEVEDO.

HELENA, *a Alberto.*

O Sr. é um barbaro, um homem sem alma !

ALBERTO, *friamente.*

Queira retirar-se para o seu quarto, minha Senhora.

HELENA

Tem-me nas suas mãos, porque sabe que sou covarde.

ALBERTO, *no mesmo tom.*

Seria simplesmente mais um crime na sua vida, e talvez fosse para mim o melhor desenlace desta situação difficil. (Helena sae.)

SCENA IX

ALBERTO E FREDERICO.

FREDERICO, *entrando*.

O que foi isso, Alberto? Quem esteve aqui?

ALBERTO

O Dr. Azevedo, a quem contei tudo.

FREDERICO

Compreendo o resto. Quando eu entrava, encontrei D. Helena que daqui sahia commovidissima. Mas o que disse o Dr. Azevedo?

ALBERTO

Encarregou-me de solver a questão.

FREDERICO

E o que tencionas fazer? Tens alguma resolução tomada?

ALBERTO

Nenhuma, ou, antes, tenho cem, mil. Adopto um instante uma idéa, para logo repellil-a, e assim cem, mil idéas. Bem, Frederico, preciso ficar só com a minha consciencia e Deus. E' o momento mais solemne de minha vida. Nestes momentos que vou aqui passar tenho de decidir dos destinos d'uma familia inteira.

FREDERICO

Deixo-te. Animo, Alberto, animo! (*Sahe.*)

SCENA X

ALBERTO, *só*.Como Vieira de Castro! (*Deixa-se cahir sobre uma cadeira.*)(*Cake o panno*)

O DOUTOR ALBERTO

ACTO TERCEIRO

(A mesma decoração.)

SCENA I

ALBERTO E FREDERICO.

ALBERTO

O que achas da minha resolução, Frederico?

FREDERICO

Eu disse que confiava em ti. Não podia esperal-a melhor. E's um homem de bem, Alberto. Só o que não posso approvar é a tua renuncia á vida gloriosa e brilhante que levavas. Tu tens necessidade do movimento, da vida mudavel e cheia de azares da politica. O teu talento para não morrer tem necessidade de ser exposto á grande luz. E, depois, os triumphos da vida publica curar-te-hão as chagas profundas, as tuas grandes dôres.

ALBERTO

O que queres tu então, Frederico, é que eu appareça amanhã deshonorado diante do paiz inteiro para que me riam em face? E como poderei eu bem representar a comedia da vida politica, quando a dor mais pungente, mais funda, me consome e mata?! Nem me resta essa taboa de salvação—a ambição! Eu poderia ser ainda feliz se essa mulher que me espedaçou o coração não me fizesse ir tambem com elle as grandes aspirações, immensas, largas, que me impelliam á gloria. Foi-se tudo... tudo... e ficou somente a vergonha!...

FREDERICO

Julgava-te mais forte. Cuidei que já estivesses mais tranquillo. E' necessario mesmo affazer-te á idéa da tua desgraca. Olha-a por todas as faces, encara-a por todos os lados, vê bem tudo o que ha nella de horriavel! Tritura essa idéa... tanto melhor! Isso curar-te-ha.

ALBERTO

Curar-me! Enganas-te, Frederico. E' uma dôr incuravel,

eterna. Queres que eu me arremesse de novo ao turbilhão da vida publica, que trabalhe, que lucte? Agora ouve... Imagina que um dia subo á tribuna, que esmago o meu adversario, que elle é um homem infame, e que eu, armado de provas irrecusaveis, o denuncio ao paiz. E' um triumpho! Bem; mas, no meio desse triumpho, o meu adversario ri. Parece-me descobrir nesse riso quasi silencioso e cheio de malicia um insulto... e eis o meu triumpho transformado de repente em tudo o que ha de mais doloroso. Soffro o inferno, e não posso vingar-me, porque, á primeira palavra que eu disser, o homem que me insultou dar-me-ha mil desculpas. Insultado pelo primeiro a quem isso lembrar, todos os meus adversarios terão contra mim uma arma poderosissima, infallivel mesmo: a minha vergonha, a minha desgraça. E eu bem o sei, bem o sei: não me pouparão! E achas que eu possa supportar esse supplicio todos os dias, a todos os instantes? Imagina que sou victoriado, que sou applaudido. Achas que isso cicatrizar-me-ha as feridas? Não, pelo contrario, reabril-as-ha, se acaso poderem fechar. Chego em casa depois da minha victoria parlamentar, felicitam-me os amigos, e, quando eu me achar só, no meu gabinete de trabalho, diante dos meus livros, bem sei que chorarei de dôr!

FREDERICO

E achas que retirando-te da vida publica soffrerás menos? Enganas-te. Soffrerás ainda mais, e a idéa de que poderias ser applaudido pelo paiz inteiro virá tambem juntar-se ás outras que te affligem, para atormentar-te mais ainda.

ALBERTO

Então para mim é d'hoje em diante impossivel um raio sequer de felicidade? Faça eu o que fizer, hei de soffrer sempre? Aos trinta annos não ter outra aspiração que não seja repousar, que não seja fugir á uma idéa, que me atormenta, que me mata, que me envenena a vida inteira!

FREDERICO

E's fraco, Alberto, muito fraco. E', entretanto necessario que não te deixes abater. Sê forte; precisas sel-o para levar a cabo a tua resolução. Eu não sei o que sejam essas fraquezas, e imagino que deve haver um prazer cruel em affrontar um homem a desgraça, e resistir impassivel aos golpes que por todos os lados ferem-n'o. Eu não sei o que seja uma grande desgraça: nunca a experimentei. Mas sei o que são mil pequeninas desgraças, e applaudo-me de tel-as impassivel supportado. E tu, meu amigo, queres te deixar cahir, exactamente quando é absolutamente necessario que te levantes, que subas aos olhos de todos?

ALBERTO

Bem, Frederico, deixemos por agora de parte o que ha de ser de mim. Na terrivel situação em que me acho, como posso friamente tratar do meu futuro? Mais tarde cuidarei d'isso, e es-

pero que me ajudarás, como me ajudas agora, a affrontar tudo, e a seguir somente o que me dictar a consciencia.

FREDERICO

Dizes bem, Alberto. Estimo que deixes para mais tarde resolver o que deves fazer a teu respeito. Mesmo porque poderia muito bem ser inutil o que agora resolvesse. Mudarias de resolução.

ALBERTO

Frederico !

FREDERICO

Não é uma exprobração que te faço, meu amigo. Conheço-te : sei que, abatido ao peso da desgraça que te fere, acreditas que podes facilmente renunciar ás tuas aspirações, aos teus ambiciosos projectos, o que é para mim absolutamente impossivel.

ALBERTO

Queira Deus que assim seja, Frederico.

FREDERICO

Conto que assim será, Alberto. Agora já me pareces um pouco mais tranquillo. Tanto melhor ! Tu esperas Eugenio d'Amorim, e precisas de toda a tua presença de espirito para que não aconteça uma grande desgraça.

ALBERTO

Não acontecerá, affianço-t'o. Eu tenho pensado nestas duas horas talvez mais do que na minha vida inteira. A resolução que tomei é inabalavel : nada m'a fará mudar, nem a colera, nem a amisade—ia dizendo : nem o amor !—nada me fará demover do meu proposito. Uma resolução que se ganha depois d'um supplicio de tal natureza, depois de uma eternidade de duvidas, de incertezas, em que todas as paixões más se agitam, em que se põem em ebullição todas as fézes do coração e todo o lodo da alma... não, ah ! não, custou-m'a bem caro ! E agora que estou senhor do que de melhor se póde achar no meio desta grande catastrophe, agora que tenho uma firmeza inabalavel, posso tudo affrontar sem medo !

FREDERICO

E' mais do que esperava. Aperta-me a mão, Alberto. Agora nada temo.

ALBERTO

Bem ; tenho necessidade de escrever uma carta. Vou ao meu gabinete. Quando aqui chegar o Sr. Eugenio de Amorim manda immediatamente chamar-me. Immediatamente, entendes ? (*Sahe.*)

SCENA II

FREDERICO, só.

E' bem infeliz este homem ! (*Silencio*)

SCENA III

FREDERICO E EUGENIO, *que entra procurando Helena. Assim que dá com Frederico pára.*

FREDERICO

Procurava alguém, Sr. Eugenio ?

EUGENIO

Sim, D. Helena. Trazia-lhe uma noticia.

FREDERICO

E trazia-lh'a com toda a sem-cerimonia. Boa ou má era essa noticia, Sr. Eugenio ? Ao que parece, boa: o Senhor vinha dar-lh'a com tanta pressa !...

EUGENIO

Sim, diz bem, ao que parece, boa.

FREDERICO

Será indiscripção saber essa noticia ?

EUGENIO

Tenho até bastante prazer em communicar-lh'a. E' que o paquete em que devia chegar o Dr. Alberto já ahi está.

FREDERICO

Neste caso eu tenho noticia de data mais adiantada, e tenho tambem prazer em communicar-lh'a. O Dr. Alberto está no seu gabinete. Assustou-se ?

EUGENIO

Não. E porque me assustaria eu ?

FREDERICO

Eu sei ! Já que me faz uma pergunta, ha de dar-me licença que lhe faça tambem outra. Como sabia o Senhor que o Dr. Alberto devia chegar hoje, quando isso era um segredo innocente, uma surpresa, que elle preparava á sua mulher ?

EUGENIO

Disse-m'o um amigo... agora.

FREDERICO

Está bem. (*Silencio de ambos.*)

EUGENIO

(*Depois de uma grande lucta, que Frederico observa attentamente.*)

Sr. Dr. Frederico, desejo fallar-lhe muito seriamente sobre um assumpto que nos interessa a todos. Peço-lhe, pois, que ponha de parte toda a ironia e responda-me. Por obsequio falle baixo para que ninguem ouça uma só palavra do que vamos dizer.

FREDERICO

Eu desejava uma conferencia com o Senhor. Aceito. Póde fallar.

EUGENIO, *depois d'um grande esforço.*

O Senhor tem nas suas mãos o destino dessa familia e o meu. O Senhor sabe o meu segredo. Não quero qualificar os meios de que se servia para sabel-o...

FREDERICO

Porque o Senhor não saberia qualificar-os, e não saberia porque não os poderá comprehender nunca.

EUGENIO

O Senhor sabe o meu segredo e...

FREDERICO

Sim, sei que o Senhor deshonrou um homem de bem; sim, sei que o Senhor fez cahir a desgraça sobre uma familia inteira, desde um velho de sessenta annos, cujo nome maculou, até uma mulher de vinte annos, a quem o Senhor prostituiu. E tudo isso porque? Por um capricho seu...

EUGENIO

Por uma grande e louca paixão. Mas para que me diz isso o Senhor? Parece-me que não ha necessidade nenhuma de repetir o que nós ambos sabemos.

FREDERICO

E não foi só isso. O Senhor fez essa mulher commetter um crime horrivel, o Senhor fez essa mulher matar o seu filho!

EUGENIO

Eu! E' falso, Senhor!

FREDERICO

Porque não impediu o Senhor esse crime? porque não quiz impedil-o.

EUGENIO

Porque não pude, porque não o adevinhava, porque, quando vim a sabel-o, era já tarde. Por isso soffri e soffro muito. Quando eu soube que Helena matára o seu filho, o meu primeiro movimento foi de horror. Depois despertou novamente o meu amor, mais intenso do que nunca, mais louco do que nunca. Esse amor é a minha punição e punição bem cruel. A's vezes sinto por essa mulher um horror invencivel, mas sinto sempre, sempre, uma paixão immensa.

FREDERICO

E o Senhor que se horrorisava por essa mulher, amava-a sempre, e não sabia vencer esse amor, e sancionava o seu crime?

EUGENIO

Era o meu dever. Queria então o Senhor que eu, depois de haver perdido essa mulher, a abandonasse? Que a arremessasse só ao abysmo? E poderia eu fazel-o amando-a sempre? Não, não o podia fazer, e, quando podesse, não o faria! Admira-se o Senhor de que, depois de haver trahido um homem de bem, depois de haver deshonrado uma familia inteira, eu ainda tenha senti-

mentos de generosidade? Tem razão de suppor-me muito vil, incapaz mesmo d'um unico sentimento bom. Mas não se trata agora de mim, trata-se dessa mulher infeliz e criminosa, trata-se desses dous homens deshonrados, trata-se dessa familia desgraçada. Quando eu resolvi-me a fallar-lhe, depois d'uma lucta immensa, intima, e que o Senhor talvez adivinhasse, foi porque queria evitar uma desgraça, e essa desgraça só quem a póde evitar é o Senhor.

FREDERICO

Eu!

EUGENIO

Sim, o Senhor é quem tem nas suas mãos a vida e felicidade dessa familia, e só o seu silencio póde salvar-a. Se para obter o seu silencio, é preciso que eu lh'o peça de joelhos, se é preciso que dobre, que chore, que implore, um homem que nunca soube o que era humilhar-se, eu lh'o peço, Senhor: evite uma grande desgraça!

FREDERICO

E se eu não cedesse?

EUGENIO

Se o Senhor não cedesse... se o Senhor não cedesse... matar-o-hia!

FREDERICO

Então póde matar-me: Alberto sabe tudo. Contei-lh'o eu.

SCENA IV

OS MESMOS E ALBERTO.

(Ao ver Alberto Eugenio estremece.)

ALBERTO

Sim, sei tudo. (*Para Frederico*) Retira-te; eu te chamarei quando precisar de ti. (*Frederico sahe.*)

SCENA V

OS MESMOS, MENOS FREDERICO.

ALBERTO, *depois de um grande silencio.*

Era então bem cega essa paixão?

EUGENIO

Oh! sim, bem céga, bem louca.

ALBERTO

E nunca pensaram, entre um beijo e um olhar voluptuoso, en-

tre um madrigal e um abraço, entre o desejo e a languidez da lascívia, diga, nunca pensaram no grande mal que me faziam, nunca o remorso deu um sabor cruel a esses colloquios de amor, nunca a idéa do crime que commettiam lhes turvou a fronte, encandescendo de desejos lascivos, febricitante, ardente? Oh! não... não me responda! Se me dissesse que nunca soffreram, se me dissesse que, em quanto lhes cabia, o paraizo me tocava por sorte o inferno!... não... cale-se; eu não sei o que faria: talvez enlouquecesse!... (*Longo silencio*)

EUGENIO

Na posição falsissima em que nos achamos, e em que me acho eu principalmente, ha uma unica solução: o duello; mas...

ALBERTO, *interrompendo-o.*

O duello! O Senhor vio isso em algum romance francez. Na vida pratica os homens, se podem vingar-se, vingam-se, e então a sua vingança é cruel, barbara; se não podem vingar-se, matam-se, enlouquecem! Mas o duello! Quando só se tem o desejo de ver saltarem na parede, ainda fumegantes, os miolos do homem que nos deshonrou, quem pensa lá em postar-se friamente diante do infame e esperar que as testemunhas ordenem que se atire?! E para que é o duello? O duello, Senhor, é, não para vingar-se a honra ultrajada, mas para que os jornaes fallem do caso, e as damas faceis abram os braços ao duellista feliz!

EUGENIO

Perdão, Senhor; no estado em que se acha comprehendo que me interrompesse. Dizia-lhe que o duello, que ordinariamente segue-se entre homens de bem a casos desta ordem, não podia ser acceito por mim. Estou ás suas ordens; o Senhor póde matar-me, mas não acceito um duello.

ALBERTO

Tambem não, não quero matal-o. Não quero juntar esse crime á minha immensa desgraça. Queria então o Senhor que eu fosse parar ao banco dos criminosos, quando é o Senhor quem deve nelle sentar-se? Queria o Senhor que eu trouxesse uma grilheta ao pé, quando é o Senhor quem deve trazel-a? E' uma inversão de papeis, que seria uma irrisão funesta, se não fosse uma malvadez de sua parte. Não, Senhor, eu não quero matal-o.

EUGENIO

Deve ser então bem cruel a sua vingança!

ALBERTO

Eu acho ainda a lei bem pouco severa para o seu crime, Senhor. Se eu fosse o legislador, teria inventado o supplicio mais cruel e mais infamante, para ter o prazer de applical-o ao seu crime. Se fosse pouco a infamia, o estigma, o lodo no rosto e o ferro em braza ao hombro, se fosse pouco tudo o que fosse castigo moral, se degradal-o fosse impossivel; o supplicio mais cruel, mais bar-

baro, mais dilacerante, todas as selvagerias dos hindus ao mesmo tempo, eis o que lhe daria! O legislador não soube o que era a dor do homem deshonrado; fez a lei, mas como o mundo com os seus preconceitos crueis poderia fazel-a; o legislador puniu levemente o adultero, e rio á sobcapa do marido infamado. Quiz passar por um *bel esprit*, e creio que o conseguiu!

EUGENIO

E' uma justiça barbara a sua!

ALBERTO

Justiça! Quem lhe disse que eu era juiz? Eu não julgo, Senhor; não me cabe semelhante papel. Eu sou o offendido. Desejava bem ser o juiz para esmagal-os com uma sentença digna do crime que commetteram!

EUGENIO

Não sei então o que pretende o Senhor. Não julga, não vinga-se, nada pretendê fazer... O que quer então o Senhor? Não o comprehendo.

ALBERTO

Enganou-se quando disse que eu não me vingava. Vingo-me, e a idéa que me atormenta é porque não me vingo como desejo. Pergunta-me o Senhor o que eu pretendo? Fez bem em perguntar-m'o. Eu deixava-me levar pela minha colera quando devia cuidar de outra cousa. Ainda é tempo, felizmente. O Senhor vae ver o que eu pretendo fazer.

EUGENIO, *á parte*.

Tenho o presentimento de que ha de ser uma vingança horrivel.

ALBERTO

Frederico! (*Frederico apparece.*) Faze chegar aqui minha mulher.

SCENA VI

OS MESMOS, FREDERICO E HELENA.

HELENA

Aqui estou, Senhor. (*Vendo Eugenio não póde reprimir um movimento de alegria, que é percebido por Alberto.*)

ALBERTO

A Senhora sabe que me deshonrou, sabe que deshonrou seu pae, sabe que matou seu filho; é ré confessa de todos estes crimes. Já me disse que temia o meu perdão, que não o queria, que regeitava-o. Bem, fez bem, porque eu mesmo não perdoaria. Diga-me o que espera?

HELENA

A sua justiça.

ALBERTO

Eu já disse que não faço justiça, que não me cabe fazel-a. Isto em outras circumstancias toca a seu pae. Mas não sabe a Senhora o motivo da minha pergunta, não o adivinha?

HELENA

Não.

ALBERTO

Sou forçado a explicar-me. Nada haverá que a Senhora tema? Não teme ser barbaramente punida, não teme que me vingue?

HELENA

Já me offereci á sua vingança, Senhor.

ALBERTO

Não teme nem mesmo sentar-se no banco dos criminosos, hobrear com os ladrões e os assassinos, apparecer diante de todos exactamente como é a Senhora, como uma ré?

HELENA

Senhor, o que pretende fazer?

ALBERTO

(Observando em Helena o effeito das suas palavras.)

Uma cousa muito simples: denunciá-la á justiça como adúltera e como feticida.

HELENA

Eu!... denunciada como adúltera... como feticida!... Meu Deus! Alberto! *(Lança-se-lhe aos pés.)*

ALBERTO, *repellindo-a.*

Levante-se, minha Senhora.

HELENA, *lançando-se aos pés de Frederico.*

Não o fará, não é assim, Frederico, perdoar-me-ha?

FREDERICO, *repellindo-a.*

Levante-se, minha Senhora! *(Helena deixa-se cahir sobre uma cadeira e soluça em silencio.)*

ALBERTO

(N'um tom solemne e com a voz um pouco tremula pela commoção.)

Agora a Senhora comprehenderá melhor a razão da minha pergunta. Escolhi principalmente esse castigo, porque sabia que a Senhora tinha medo do escandalo, porque sabia que a Senhora havia de soffrer tanto como eu soffro, quando se visse sentada no banco dos réus, espiada pelo olhar curioso do publico, e observada attentamente pelo tribunal, presidido por algum velho collega e amigo de seu pae, que talvez a tenha visto creança. E' esta a minha vingança. A sociedade, o preconceito, a lei, emfim, as circumstancias, não me permitem outra. E' a sahida mais facil que tenho do circulo de ferro em que me acho preso. O casamento catholico deshonra-nos a todos. Este amalgama terrivel de circumstancias, a que se chama—meio social—quando não me levasse a isso a minha paixão, obrigar-me-hia a vingar-me. Somos nós trez

victimas das nossas paixões, mas somos victimas principalmente por nos vermos obrigados a ceder á força irresistível do preconceito social. Bem desejára eu poder sahir desta situação dolorosissima, e, entretanto, muito commum na sociedade moderna, sem lançar mão desta vingança, que talvez despertar pelos culpados a sympathia publica. Bem desejára eu deixar a minha vingança á vossa consciencia, ainda que me ficasse, como me acontece agora, partido, espedaçado o coração. Oh! revolto-me contra essa sociedade, contra esse preconceito, que me faz um homem deshonrado, sem ter concorrido para essa deshonra, e máu, pela necessidade terrível de dar uma satisfação ao mundo. (*Pausa. Voltando-se para Eugenio.*) Senhor Amorim, eu disse-lhe que sentia que a lei fosse tão pouco severa para o seu crime...

EUGENIO, *com um movimento de admiravel abnegação.*

Fui eu quem fez com que esta mulher matasse o seu filho ! (*Helena agradece-lhe com um olhar.*)

ALBERTO

Tirou-me d'um grande embaraço. Eu achava que a lei não o punia sufficientemente pelo mal que me causou. Agora, com esta sua declaração, a lei punirá não só o adulterio como o feticidio. Eis o que eu pretendo fazer, Senhor Eugenio d'Amorim ; eis o que eu pretendo fazer, Senhora D. Helena de... de... Não sei o seu novo nome de familia, minha Senhora. (*Entra um negro com uma carta que entrega a Alberto. Movimento geral de attenção. Alberto, depois de ler a carta, fica visivelmente commovido. Para Helena.*) Queira mandar preparar o seu lucto, minha Senhora : o Dr. Azevedo acaba de morrer, victima d'uma congestão pulmonar.

HELENA, *dando um grito horrível.*

Matei-o !

(*Consternação geral. Ouvem-se os soluços de Helena. Eugenio dirige-se a ella, e pára a um gesto resolutivo de Alberto, que indica-lhe a porta.*)

ALBERTO

Saia, Sr. Amorim. D. Helena tem junto a si seu marido. De ninguém mais precisa.

EUGENIO, *á Helena.*

No céo, ou no inferno, conta comigo. (*Para os dous, arrebatadamente.*) Até a vista, meus Senhores. (*Sahe.*)

SCENA VII

OS MESMOS, MENOS EUGENIO.

ALBERTO, *para Helena com um tom quasi brando.*

Precisa estar só, não é assim ? Retire-se para o seu quarto. Descance.

Adeus !

HELENA, *sahindo.*

SCENA VIII

ALBERTO E FREDERICO.

ALBERTO

O que pensará ella ? Deve soffrer muito. E eu ? ! (*Ri silenciosamente.*) Elles amam-se. Tem ella esta consolação.

FREDERICO

Até já, Alberto. Vou entregar a tua carta ao juiz criminal.

ALBERTO, *dando a Frederico uma carta.*

Eil-a.

(*Apertam-se as mãos. Frederico sahe.*)

SCENA IX

ALBERTO, *só.*

Só ! Só ! (*Vae á gaveta, tira uma pistola, põe-n'a sobre uma mesa diante de si, e deixa-se cahir sobre uma cadeira.*) E poderei eu ainda ser feliz ? (*Enterra a fronte nas mãos e pensa.*)

(*Cahe o panno*)

Text



